

Alderico Segundo Santos Almeida
Jackson Ronie Sá-Silva

HOMOSSEXUALIDADE HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO





Jackson Ronie Sá-Silva

Professor Adjunto do Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (DBIO-UEMA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão (PROFEI-UNESP/UEMA). Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Licenciado em Biologia e Química pela UEMA. Bacharel em Farmácia e Bioquímica pela UFMA. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade da Universidade Estadual do Maranhão (GP-ENCEX / UEMA).



Alderico Segundo Santos Almeida

Mestre em Educação (UEMA), Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFMA), Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade da Universidade Estadual do Maranhão (GP-ENCEX/UEMA).

O livro **Homossexualidade, Homofobia e Educação**, escrito pelos professores Alderico Segundo Santos Almeida e Jackson Ronie Sá-Silva, apresenta uma discussão cidadã sobre o tema da homossexualidade no contexto educacional. Originou-se de uma pesquisa qualitativa documental realizada no Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Estado do Maranhão. A investigação analisou os discursos sobre os temas homossexualidade e homofobia em quatorze livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual presentes nos acervos de bibliotecas de escolas públicas do ensino médio da cidade de São Luís, Maranhão. A partir da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação na vertente pós-estruturalista foi possível: a) compreender os discursos produzidos nos livros paradidáticos sobre as pessoas qualificadas como homossexuais; b) entender as ideias construídas acerca do que seja o fenômeno sociocultural da homofobia; c) perceber as estratégias de educação sexual anunciadas para o combate aos preconceitos e às discriminações perpetradas contra sujeitos homossexuais; d) caracterizar as estratégias didáticas apontadas para discursar com professores, professoras, alunos e alunas quanto aos temas homossexualidade e homofobia na escola. A leitura desta obra estimulará professoras e professores da educação básica a repensarem suas práticas pedagógicas quando em algum momento no espaço escolar (ou fora dele) surgirem discussões sobre a homossexualidade e a homofobia. A ideia dos professores Alderico Segundo Santos Almeida e Jackson Ronie Sá-Silva é promover o entendimento do que seja educação sexual desconstrucionista, ou seja, uma educação sexual científica pautada na ética, na cidadania, na pluralidade sexual e de gênero, no acolhimento dos sujeitos e que promova a pedagogia da alteridade.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



PPG
Pró-Reitoria
de Pesquisa e
Pós-Graduação



PPGE
Mestrado Profissional
em Educação



© copyright 2022 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

Homossexualidade, Homofobia e Educação

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho • Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte • Cynthia Carvalho Martins
Eduardo Aurélio Barros Aguiar • Emanuel Cesar Pires de Assis
Emanuel Gomes de Moura • Fabíola Oliveira Aguiar
Helciane de Fátima Abreu Araújo • Helidacy Maria Muniz Corrêa
Jackson Ronie Sá da Silva • José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr • Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcelo Cheche Galves • Marcos Aurélio Saquet
Maria Medianeira de Souza • Maria Claudene Barros
Rosa Elizabeth Acevedo Marin • Wilma Peres Costa

Diagramação: Paul Philippe

Capa: Yuri Almeida

Almeida, Alderico Segundo Santos.

Homossexualidade, homofobia e educação [recurso eletrônico] / Alderico Segundo Santos Almeida, Jackson Ronie Sá-Silva. – São Luís: EDUEMA, 2022.

115 p. :il. color.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-89821-67-0

1.Homossexualidade. 2.Homofobia. 3.Educação sexual. I.Sá-Silva, Jackson Ronie. II.Título.

CDU: 613.885(072)

EDITORA UEMA

Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical - CEP - 65055-970 São Luís - MA
www.editorauema.uema.br - editora@uema.br



Sumário

Agradecimentos	07
Prefácio	09
Apresentação	15
O caminho para a compreensão dos livros paradidáticos que tematizam a homossexualidade e a homofobia	18
A homossexualidade e a homofobia em livros paradidáticos de sexualidade e educação sexual	27
O tema da homossexualidade em livros de Educação Sexual	34
O tema da homossexualidade em livros de Sexualidade	51
O tema da homofobia em livros de Educação Sexual	78
O tema da homofobia em livros de Sexualidade	87
Considerações finais	103
Referências	111

Alderico Segundo Santos Almeida
Jackson Ronie Sá-Silva

HOMOSSEXUALIDADE, HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO

Agradecimentos

Nossos agradecimentos institucionais se direcionam ao Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa, magnífico reitor da Universidade Estadual do Maranhão, pelo compromisso com a pós-graduação e por acreditar num projeto educacional que incentiva a formação de professores/as pesquisadores/as para atuarem na educação básica do Maranhão tendo como perspectiva olhares atentos para os temas da educação para a diversidade, os processos educacionais inclusivos, o exercício da cidadania e o existir enquanto política de visibilidade.

Ao governador do Estado do Maranhão, Flávio Dino de Castro e Costa, por proporcionar à Universidade Estadual do Maranhão subsídios normativos e estrutura financeira para o desenvolvimento da pós-graduação via Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) e Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

À Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão (PPG–UEMA), Profa. Dra. Rita de Maria Seabra Nogueira, por realizar o acompanhamento sistemático das ações na pós-graduação e incentivar professoras, professores, mestrandas e mestrandos para o desenvolvimento das pesquisas educacionais no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE – UEMA).

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE – UEMA) que no currículo do Mestrado Profissional em Educação institucionalizou a discussão da educação para a diversidade.

Ao Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA) e ao Laboratório de Metodologia e Prática de Ensino de Ciências e de Biologia do Curso de Ciências Biológicas/Departamento de Biologia–DBIO/Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais – CECEN / Campus Paulo VI. As ações de escrita acadêmica do livro *Homossexualidade, Homofobia e*

Educação foram realizadas em suas dependências. Agradecemos pelo apoio logístico na disponibilização de computadores, impressoras e espaços de leituras para os aprofundamentos teórico-metodológicos que exigiu a obra.

Esta pesquisa qualitativa educacional documental foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) via Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Estado do Maranhão, por meio do Edital nº 002/2019 – UNIVERSAL, Processo nº UNIVERSAL – 00918/2019, projeto: “A discussão da homossexualidade em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual”.

Prefácio

POR UMA REFLEXÃO SOBRE COMO PODEMOS NOS HUMANIZAR ENQUANTO NOS CONSTITUÍMOS HUMANOS

Escrevo este texto em Santa Inês, cidade do interior do Maranhão, em uma tarde nublada de setembro de 2021.

Da janela da minha casa, apesar do calor arrebatador, contemplo um ipê rosa, cujas flores reafirmam a esperança de que é possível florescer, mesmo em locais difíceis, às vezes, até inóspitos. A lição que me vem é que é necessário contemplar a primavera – e ela se impõe para nós que estamos no Nordeste, local onde aprendi que só há duas estações, uma quente e outra chuvosa – e experimentar todas as suas cores e seus aromas, sobretudo porque me trazem a certeza de que “se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, **se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o da política?** (Paulo FREIRE, *Pedagogia da indignação*, 2000, p. 44, grifos meus)¹.

O Patrono da Educação e sua afirmativa potente, me inspiram! Faz tempos, percebi que é preciso mudar o mundo, não o planeta – embora a pandemia da COVID-19 tenha desvelado sua agonia e seu apelo por maiores cuidados – mas, para que não correr o risco de responsabilizar por todas as suas agruras apenas aos governantes, aos países, ao capitalismo, preciso lembrar todos os dias que meu mundo, a princípio, é o espaço que o circunscreve. Ele é minha arena de luta, sua mudança está sob a minha responsabilidade. Ao ser convidada a prefaciar o livro *Homossexualidade, Homofobia*

¹ Não quis abrir um item de referências ao final deste texto. Entendo o prefácio como um convite à leitura, portanto, incluo nele as citações que faço como provocações para as próximas escolhas daquilo que se pretende ler.

e Educação sou invadida por uma certeza: não estou só...

Conheci Alderico e Jackson em um momento muito particular da minha vida: a tecitura da minha tese de doutoramento. Talvez, nem um, nem outro lembre desses momentos distintos, mas eu sim! Eu era uma aluna em busca de um trabalho que pudesse ser mais que outra tese sobre gênero e sexualidade. Assim, partia da perspectiva equivocada de que precisava “dar voz” a corpos e sexualidades dissidentes.

Em janeiro de 2016, tentando aproveitar o período de férias docentes para iniciar meu trabalho de campo, me inscrevi na Semana de Visibilidade Trans de São Luís, que aconteceria entre os dias 25 e 31, com o tema Eu tenho nome, eu tenho uma identidade. O objetivo da programação era conscientizar a população para o fim do preconceito, da violência e da discriminação contra as pessoas que participavam do movimento trans, representado por travestis, transexuais e transgêneros. O evento era mais que oportuno, já que em 29 de janeiro é comemorado, em todo o país, o dia Nacional da Visibilidade Trans. Confesso que minha intenção era conhecer pessoas que eu pudesse entrevistar. Naquele espaço, não poderia prever, começaria a tomar consciência de que meu próprio corpo e minhas vivências eram dissidentes; que eu havia invisibilizado experiências identitárias importantes. Eu não daria voz a ninguém, sobretudo, porque as diversas comunidades e pessoas LGBTQIA⁺² têm autonomia e trajetória pessoal, não são objetos de estudo “exóticos”, são sujeitos da sua própria história. Foi Alderico Segundo que, em um momento de provocação, durante aquele encontro, proporcionou meu reencontro com um passado que eu parecia ter apagado para evitar mais sofrimentos.

Na verdade, nesse processo de reconhecimento, eu sou nomeada pelo “outro” antes mesmo de me nomear (Judith

2 Utilizo a mesma sigla usada pelos autores ao longo da obra. Entretanto, reitero que não se pode perder de vista que foram as lutas dos movimentos restritos aos homossexuais que abriram espaço para a inserção de outras sexualidades não heterossexuais e até mesmo heterossexuais, como na aglutinação das letras GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Além disso, é preciso reconhecer que, sobre todos esses grupos visibilizados inicialmente e atualmente, existem processos históricos e culturais de construção política identitária. Por exemplo, de GLS a sigla passou a LGBT, pois se reconhecia a necessidade de reforçar as vivências lésbicas. Atualmente, já se discute iniciar a sigla com a letra “T” para ressaltar a necessidade de abertura de espaços para pessoas trans. A história segue seus cursos e com ela, as lutas por respeito e visibilidade também.

BUTLER, Relatar a si mesmo: crítica da violência ética, 2015). Fui uma criança gorda, que vivenciei na escola muitos xingamentos que doíam na alma. Fui chamada de orca, baleia assassina, botijão de gás, dentre tantos outros. Lembro-me de uma vez que encostei a uma coluna e fiquei pedindo para me transformar em “mulher maravilha”, uma super-heroína americana com episódios semanais apresentados na televisão brasileira, em meados da década de 1970/1980, vivida por Diana, personagem amazona que morava na Ilha do Paraíso e que era considerada por mim inteligente, forte e carismática, além de muito bonita. Embora nunca tenha conseguido essa façanha, desde muito cedo comecei a conviver, primeiro no ambiente escolar, com meninos que eram apelidados de “maricas”, com meninas gordas, como eu, ou com aquelas chamadas de “Maria homem”, com pessoas mais baixas ou mais altas que a média ou, simplesmente, consideradas menos bonitas. Compúnhamos o grupo dos nerds e, apesar dessa nomeação, acabávamos invisibilizando nossas desconformidades com as normas. Na universidade não foi diferente. Depois, já como professora, sempre fui sensível àquelas e àqueles que estavam mais claramente passíveis de sofrerem violências. Essas lembranças me trouxeram ao mundo das abjeções. É exatamente a partir dessa perspectiva que considero a obra *Homossexualidade, Homofobia e Educação*, essencial para a discussão, dentro ou fora do ambiente escolar, sobre sofrimentos e angústias que todas e todos sofrem para se conformarem às normas, sobretudo às de gênero, que a sociedade nos impõe...

Vou tentar ser mais clara: os processos sociais de abjeção se constituem como a outra face de uma moeda nos processos de normalização experienciados por todas e todos que vivem sob o regime da heteronormatividade, independentemente de sermos héteros, homo, bi ou transexuais, dentre muitas outras possibilidades. Esta norma é fundada em um modelo heterossexual, reprodutivo e familiar, o qual, como observam Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (*Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação*, 2015, p. 179), utiliza a violência como “[...] modus operandi” sobrevivendo “[...] inabalável enquanto norma hegemônica”, o que permite pensar que se sustenta “[...] à custa de muito sangue e dor”.

Segundo Judith Butler (O corpo educado: pedagogias da sexualidade, 2000, p. 112), “o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, [...], densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”. Nessa perspectiva, a abjeção se apresenta como operação de exclusão constitutiva da demarcação entre aquelas e aqueles sujeitos que são “legítimos” e “abjetos”. De algum modo, enquanto nos constituímos sujeitos, vivenciamos as experiências de abjeção, de vergonha e de estigma que nos desumanizam e nos colocam diante de uma violência estruturalmente permitida. Nesse sentido, a homofobia nada mais é que um processo social de abjeção, estruturalmente naturalizada, aceita e praticada por sujeitos legítimos ou abjetos. Dessa forma, o estudo dos discursos sobre homossexualidade e homofobia publicizados nos livros de sexualidade e educação sexual, catalogados nas bibliotecas das escolas públicas pesquisadas por Alderico e Jackson, são fundamentais para problematizar e desconstruir discursos preconceituosos, estigmatizantes e homofóbicos. Se, ao nos humanizarmos, necessariamente nos desumanizamos, é preciso denunciar esse processo e encontrar vias de acolhimento e alteridade.

É no entrecruzamento dos sofrimentos e das delícias de carregar no corpo as marcas da subversão que localizo meu encontro com Jackson – meu querido professor qualira. Esta é, por sua vez, uma palavra local, muito utilizada em São Luis-MA, que significa “viado”. Em sua tese de doutorado intitulada “Homossexuais são...”: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer (2012), Jackson assim se nomeia. Em minha tese, em 2018, eu me apresento como uma mulher gorda. O qualira e a gorda finalmente se encontraram!!! Eu, de longe, já lhe “paquerava” durante suas participações em bancas de qualificação e defesas de pessoas próximas, mas não o conhecia pessoalmente. Quando fomos formalmente apresentados, falei a ele do meu interesse em que fosse um dos avaliadores do meu trabalho. Com ele e com seu jeito manso de falar, embora firme, pude compreender que, ao enfatizar os processos de injúria, crueldades, estigmas dentre

outras possibilidades, não estava afirmando apenas esses processos de constituição daquilo que denominamos de socialização. Apesar de tomar a abjeção como um processo indispensável à própria constituição do eu, conforme postula Júlia Kristeva, psicanalista e filósofa (*Powers of horror: an essay on abjection*, 1982), aprendi ao longo do meu processo de doutoramento que a vida é muito mais que sofrimentos. Não há como negar as delícias do amor e de suas várias possibilidades, da maternidade/paternidade mesmo que não haja gravidezes biológicas, da aceitação ou modificação do próprio corpo, apesar do seu tamanho, genitais ou aspecto. Embora para algumas pessoas, viver cada uma dessas possibilidades inclua verdadeiras batalhas por espaço, reconhecimento e respeito, acredito que, conforme Foucault (*História da sexualidade: a vontade de saber*, 2014) o poder traz dentro dele mesmo as possibilidades de resistência e reexistência. Por isso, nessa visão, os processos de abjeção também possuem uma grande potencialidade: eles podem abrir espaços para dissidências e subversões.

Que maravilha seria se tod@s³ pudessem um dia dizer que na escola se aprende a ser humano, não qualquer ser, mas um humano com “H” maiúsculo, alguém que ao ser socializado aprenda que para se constituir objeto, não precisa tornar ninguém abjeto. É em nome das reexistências, dissidências e subversões que Alderico e Jackson vivem, ensinam e escrevem, que convido você a ler esta obra e se permitir Humanizar... Afinal, “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” ((Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, 1994, p. 17).

3 Em minha constante luta por não cometer um apagamento linguístico dos diversos gêneros e das diversas sexualidades, escolhi utilizar uma linguagem não-binária a partir do símbolo “@” – fugindo à norma padrão, que coloca o uso do masculino como um gênero marcado, admitindo seres de ambos os sexos em uma generificação masculinista – para designar um gênero neutro, aparentemente sem marcações e sem hierarquias. Há outras possibilidades, as mais conhecidas além do @, são o “x” e o “e” como substitutos do “a” e do “o” em palavras com gêneros masculino e feminino. Minha opção está baseada na percepção do @ como uma grafia que desvela ao mesmo tempo e em um mesmo nível o “a” e o “o”. Nesse sentido, me parece coerente, a partir de uma perspectiva derridiana da desconstrução que questiona as binariedades, acionar essa aglutinação do “a” e do “o” em um único símbolo.

Não! O “H” não foi um erro. E, sim! Para finalizar, retomo Paulo Freire e, dias depois de ter começado este texto, sentada na mesma cadeira e contemplando o mesmo pé de Ipê Rosa, percebo que ele já não é o mesmo. Agora, já existem poucas flores, mas há muitas sementes que o vento ajudará a espalhar. Considero que o motivo das críticas que o Patrono da Educação vem sofrendo, enquanto movimentos fascistas crescem no Brasil, deve-se ao fato de, em sua obra e ao longo da sua existência, sua grande bandeira ter sido a Humanização. Para ele, somente através da educação é possível se reconhecer humano para, em seguida, reconhecer a Humanidade do Outro. E esta, talvez seja a única viagem que devemos fazer em tempos de pandemia, pois, como nos adverte Carlos Drummond de Andrade em seu poema *Os homens; as viagens*⁴, depois de tentar colonizar e humanizar outras galáxias, só nos resta:

A difícilima dangerousíssima viagem
De si a si mesmo:
Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem
Descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
De con-viver.

Nilvanete Gomes de Lima
Mulher Dissidente Gorda
Prof.ª. Dra. em Sociologia
Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Maranhão –
IFMA

4 Preciso agradecer à querida professora e amiga Josenilde Cidreira Vieira, a quem vejo como uma gaivota – grande, que hora voa, que hora plana, mas está sempre pronta a dividir o peixe que capturou com as outras aves. Pelos diálogos frutíferos, pela partilha de sonhos, pela indicação da poesia de Drummond e pelas críticas e revisão do texto sou e serei, imensamente grata.

Apresentação

O debate sobre o tema da homossexualidade e da homofobia não é recente, são discursos e disputas que se alimentam desde os anos de 1960 do século passado, por meio dos primeiros movimentos sociais organizados, protagonizados por pessoas conhecidas, hoje, como LGBTQIA+, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexos, assexuais e outras formas de ser e existir em gênero e sexualidade. Podemos dizer, sem nenhum medo de equívocos, que essa luta pela sobrevivência das identidades plurais e diversidade se dá desde o início das primeiras civilizações, principalmente, quando se inicia uma disputa, particularmente da Igreja Católica, pelo controle dos corpos e a castração dos mesmos, principalmente, os corpos e identidades entendidos como femininos. Portanto, é perceptível desde então que a feminilidade parece ser encarada com muita exclusão e violências, de todo os tipos.

Na educação, não nos parece diferente fazer a leitura de que tudo que foge ao padrão heteronormativo, branco, elitista e masculino, seja perseguido e violentado. As escolas se tornaram campos de concentração, onde o objetivo é dividir quem pertence a esse espaço ou não. Corpos e identidades femininas são expulsos do ambiente escolar, seja por alunos/as, seja por professores/as ou mesmo pelo corpo administrativo da escola. A expulsão se dá de forma explícita ou velada. Por meio de atitudes ou pelo silêncio. De qualquer forma, é um processo que leva as pessoas LGBTQIA+ às ruas, à criminalidade, às drogas e ao suicídio.

É diante desse cenário que algumas pessoas LGBTQIA+ resistem, e tentam fazer uma ponte de apoio aos demais que não encontram forças nem na família, nem na escola, nem na sociedade. Essa ponte de apoio pode ser vista em diferentes linhas de frente, a nossa, enquanto pesquisadores e acadêmicos, foi a educação.

Acreditamos, portanto, que a educação seja um instrumento infinito, possível e científico de se resistir. O campo da educação pode ser também mágico, prazeroso e cheio de possibilidades pedagógicas para falar de assuntos tão pertinentes ao desenvolvimento saudável e harmonioso de nossa sociedade capitalista, estruturada em pilares

tão preconceituosos e discriminatórios. Como diria Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1999, p. 120) “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Desse modo, quando nos propomos a construção desse livro é também um reconhecimento nosso de que ele seja também um processo de aprendizado para nós. Ensinamos e aprendemos e nesse processo de ensino-aprendizagem, construímos, também, o livro gêmeo deste, que tem por objetivo apresentar e discutir o tema da homossexualidade em diferentes lógicas pedagógicas, dentro do espaço da sala de aula, nosso espaço de pesquisa e também, profissional.

Entretanto, aqui, neste livro, vamos ilustrar aos leitores e leitoras nosso processo de pesquisa documental, fruto de uma construção coletiva que se inicia no Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE – UEMA). Portanto, partimos para nossa pesquisa a partir dos seguintes questionamentos norteadores: a) A homossexualidade é discursada da mesma forma em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual? b) De que forma o conteúdo “homossexualidade” vem sendo apresentado em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, disponíveis em bibliotecas de escolas públicas do ensino médio de São Luís? c) Que ideias sobre o tema “homossexualidade” são divulgadas nesses livros? d) Quais discursos são anunciados pelos/as autores/as, ao fazerem a exposição do tema “homossexualidade”? e) Os referidos livros trazem uma discussão social sobre a homofobia?

Diante dessa problematização e como profissionais da educação, percebemos o quanto o currículo da educação básica, e mais especificamente do ensino médio, pode colaborar para uma educação sexual contextual, crítica e problematizadora sobre as questões relacionadas à sexualidade. Isso porque, problematizar a homossexualidade é mais do que saber suas causas e determinações biológicas e psicológicas: “Devemos, pois, confrontar quais ideologias reduzem as possibilidades da homossexualidade, como campo restrito aos saberes biomédicos, sendo necessário

compreendê-la também pela perspectiva sociocultural” (SURAYA; CONCEIÇÃO, 2005, p. 140).

De maneira geral, nosso objetivo geral foi analisar os discursos sobre os temas da homossexualidade e da homofobia, presentes em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, disponibilizados em acervos de bibliotecas de escolas públicas de São Luís, Maranhão, a partir da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação. Como objetivos específicos, nos dispusemos a:

a) descrever os discursos sobre o tema da homossexualidade, presentes em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, catalogados em bibliotecas das escolas públicas de ensino médio;

b) compreender as posições teórico-metodológicas dos/as autores/as dos livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual sobre o tema da homossexualidade;

c) problematizar os sentidos dados ao tema da homossexualidade pelos/as autores/as, e os encaminhamentos pedagógicos, metodológicos e didáticos que são referidos, acerca da temática social denominada homofobia;

Justifica-se, então, a análise de livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, por entendermos que este conteúdo é importante na aprendizagem dos/as estudantes, visto que os discursos sobre a homossexualidade influenciam maneiras de perceber a sociedade e os indivíduos, pois há uma cultura que forma o olhar de cada pessoa, e que é reproduzida com muita “naturalidade”. Dessa forma, a compreensão de como o tema homossexualidade se apresenta em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual é produtivo e de extrema importância por tratar-se de um instrumento didático de comunicação e informação no processo de aprendizagem dos/as estudantes do ensino médio e que pode contribuir na discussão sobre as desigualdades sexuais e mais especificamente acerca da homofobia. Por isso, professoras e professores, alunas e alunos e seus familiares precisam compreender que a homossexualidade é um tema importante, complexo, político, ético e sociocultural.

O CAMINHO PARA A COMPREENSÃO DOS LIVROS PARADIDÁTICOS QUE TEMATIZAM A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA

Nos apropriamos dos Estudos Culturais como aporte teórico-metodológico. O que são os Estudos Culturais? Yuri Almeida da Silva (2018, p. 25) considera que “[...] essa é uma questão problemática, visto que é difícil encontrar uma definição para um campo não disciplinar”. Assim, ao estudar sua origem, pudemos observar que os Estudos Culturais surgem no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, em meados do século XX, onde as preocupações intelectuais, ao que parece, se concentram em problematizações da cultura, agora entendida em um espectro mais amplo de possibilidades no qual despontam os domínios do popular. De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 37):

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados.

A ideia, portanto, dos EC é se contrapor ao sistema binário elitista do pensamento sobre cultura; seria uma forma de argumentar a separação entre popular e erudito, entre a alta cultura e a cultura de massa etc.; pensar que a cultura não é produzida de maneira verticalizada, hierarquizada, mas de forma horizontal, onde todos os grupos sociais, produzem cultura a partir de seus saberes locais, de suas identidades territoriais, linguagem, entre outros artefatos culturais.

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os EC que, de acordo com Baptista (2009), são os

estudos dos fenômenos de mercantilização; Estado e sociedade capitalista; construção política e social das identidades; estudo dos fenômenos de globalização; estudos de gênero, sexualidade, raça, etnia; ressignificação de questões, discursos e artefatos relacionados ao campo pedagógico; pedagogias culturais em operação nos diversificados espaços contemporâneos; e abordagens de identidade e diferença no campo da educação no Brasil. Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva (2001, p. 9) diz que:

É nossa tarefa e nosso trabalho, como educadores e educadoras críticos, abrir o campo do social e do político para a produtividade e a polissemia, para a ambiguidade e a indeterminação, para a multiplicidade e a disseminação do processo de significação e de produção de sentido.

Conforme destaca Costa, Silveira e Sommer (2003), a teoria dos EC se configura como área de militância e atuação política. Portanto, é nela que nos apoiamos, uma vez que temos como pretensão discutir, historicizar, problematizar e desnaturalizar o objeto, através dos olhares pós-estruturalistas e demais autoras/es pós-modernos.

Sendo assim, entendemos que a cultura, o discurso e a representação estão articulados com o campo pedagógico. Dessa maneira, os Estudos Culturais buscam entender a diversidade inserida em cada cultura e suas multiplicidades e complexidades (WORTMANN, 2007), e se tornam peças-chave na discussão deste tema, por se constituir num conjunto de abordagens, problematizações e reflexões, situadas nas diversas áreas do conhecimento, com o intuito de desmistificar ou (re)significar conceitos, principalmente os advindos da cultura. Assim, é possível afirmar que “a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles, ou seja, somos educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, jornais e principalmente televisão” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 22).

É preciso estar atenta/o ao que é transmitido como verdade educativa, como valores, como moralidade, como o certo ou errado nesses canais de comunicação. Essa contribuição dos EC, no campo

da educação, está no fato de compreender que não podemos separar questões culturais de questões de poder. A diversidade cultural é, segundo o autor anteriormente citado, “fabricada” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 22). Um exemplo dessa cultura fabricada é o uso dos meios de comunicação em massa – que são objetos de estudo e análise dos Estudos Culturais, em sua concepção –, mais especificamente a televisão, como poderosos instrumentos de homogeneização cultural do mundo. Essa ideia homogeneizante, distribuída e vendida pela televisão, está em propagandas, novelas, noticiários, até em filmes selecionados que são exibidos em canal aberto, tudo remete à cultura europeia e, particularmente, à estadunidense. Ou seja, há uma intencionalidade colonizadora nessas “escolhas” daquilo que deverá ser consumido por todas e todos.

É nesse contexto que devemos analisar as conexões entre o currículo educacional e o multiculturalismo. Segundo Tadeu da Silva (1999), o fenômeno chamado multiculturalismo tem sua origem nos países dominantes do norte e é discutido atualmente em duas vertentes: como um “[...] movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior dos países do norte para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional [...]” (SILVA, 1999, p. 85); ou como uma “[...] solução para os ‘problemas’ que a presença de grupos raciais, étnicos colocam no interior daqueles países para a cultura nacional dominante [...]” (SILVA, 1999, p. 85).

Os Estudos Culturais nos ajudam a pensar que, para ambas as vertentes, o multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política, pois ele remete aos seguintes questionamentos no campo da educação: o que conta como conhecimento oficial? O que devemos aprender nas escolas? A quem o currículo educacional e a escola se destinam? A escola, por ser composta de pessoas heterogêneas, respeita a diversidade existente no seu espaço? Portanto, o multiculturalismo nos alerta que “a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico” (SILVA, 1994, p. 90), é preciso, pois, mudanças substanciais do currículo escolar existente.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (1999), a pedagogia

feminista nos possibilita um novo olhar em relação às formas de reprodução e produção de desigualdades sociais, por meio das questões de gênero, ampliando, assim, o processo de produção cultural para além da dinâmica de classe que, há muito, é pensado pelas teorias críticas/marxistas, mas que ignoram outras dimensões que levam à desigualdade social, como a de gênero.

Para Stuart Hall (1996) – um dos intelectuais mais proeminentes e um dos mais conhecidos analistas contemporâneos da cultura –, os Estudos Culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações “sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante” (HALL, 1996, p. 263).

É no meio cultural que os grupos socialmente designados como subalternos fazem frente a exigências e coações de significados que nutrem os interesses dos grupos hegemonicamente poderosos. Diante disso, a cultura deve ser estudada e entendida em virtude de tudo o que está associado a ela, bem como o papel que a mesma assumiu na vida social em todos os aspectos. Tal centralização epistemológica na cultura, como eixo de discursos de poder que a circundam, vem sendo denominada de virada cultural. Desse modo, músicas, noticiários, jornais, publicidade ou imagens e gráficos de um livro didático não serão apenas manifestações culturais, mas artefatos que produzem representações e inventam sentidos nas arenas culturais. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Levando em consideração que nosso objeto de pesquisa foi construído pela subjetividade, e que nele são empregadas múltiplas representações sociais e discursos dos mais variados campos do saber, optamos por uma pesquisa de ordem qualitativa documental. Este tipo de pesquisa atende, também, aos objetivos que foram propostos. Ela preza por um olhar mais interpretativo e descritivo do/a pesquisador/a que incorpora os sujeitos como atrizes e atores sociais e entende suas práticas enquanto socialmente construídas (SOUZA, 2010). De acordo com Mota et al. (2017, p. 696), a pesquisa qualitativa “longe de produzir medições, enumerações e estatísticas tem no contato direto do pesquisador com a comunidade ou a situação estudada a sua característica mais marcante”. Dessa forma, há um aprofundamento do sujeito pesquisador no objeto pesquisado.

Optamos pela pesquisa do tipo documental, em que o/a pesquisador/a “utiliza documentos objetivando extrair dele informações, e o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise” (ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009, p. 4). Esses documentos podem ser fontes contemporâneas ou antigas; todavia, os documentos utilizados na pesquisa documental extrapolam a ideia de materiais textuais escritos e impressos, ou seja, além de livros, revistas, cartas e leis, também abrangem arquivos de mídia, tais como filmes, vídeos, fotografias, slides, dentre outros, como fontes de informação. Para Sá-Silva (2017, p. 116), esse tipo de análise “possibilita a observação do processo contraditório e dinâmico da evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas culturais etc.”.

É importante perceber que algumas/alguns autoras/ autores consideram a pesquisa documental como sinônimo da pesquisa bibliográfica; portanto, trabalhamos nesta pesquisa com o entendimento dos autores Almeida, Guindani e Sá-Silva (2009) que apontam:

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. (ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009, p. 6).

Os tipos de fonte, primárias e secundárias, correspondem respectivamente aos dados originais, que estão sendo analisados, a priori, e informações que já foram trabalhadas por outros estudiosos, publicadas e de domínio científico (ALMEIDA; GUINDANI; SÁ-SILVA, 2009). Desse modo, a pesquisa bibliográfica, diferente da documental, restringe-se a artigos, periódicos, ensaios, enciclopédias, livros e dicionários, sendo conhecida também como estado da arte do conhecimento.

A metodologia da pesquisa documental “segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja,

na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos” (SÁ-SLVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4).

Sendo assim, o primeiro momento desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico sistemático da homossexualidade e homofobia no campo da educação. Fizemos visitas às seguintes escolas públicas de São Luís, Maranhão: Centro de Ensino Médio “Liceu” Maranhense, Centro de Ensino Médio Benedito Leite “Escola Modelo” e ao Centro Integrado do Rio Anil – CINTRA, para termos acesso ao acervo das bibliotecas e realizar os procedimentos da pesquisa documental – organização, catalogação e produção do corpus investigativo, a partir das análises dos livros de Sexualidade e Educação Sexual, disponibilizados. As escolas visitadas tinham, em suas bibliotecas, livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, direcionados aos temas “sexualidade”, “homossexualidade” e “homofobia”. Vejamos o Quadro 1:

Quadro 1 – Livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual catalogados nas bibliotecas de escolas públicas de ensino médio de São Luís, Maranhão.

ESCOLA	LIVROS CATALOGADOS
LICEU	CARVALHO, Maria Eulina; SOUSA, Valquíria Alencar. Por uma educação escolar não sexista . Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
	BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola . Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
	FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer . Fundação Roberto Marinho, 2001.
CINTRA	PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade . São Paulo: Summus, 1998.
	ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays . Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.
	PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade . São Paulo: Editora Gente, 1999.
	SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo . 19 ed. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994.
	AQUINO, Julio Groppa. et al. Sexualidade na escola: alternativas e práticas . São Paulo: Summus, 1997.

MODELO	ABROMOVAY, Miriam. Juventudes e sexualidade . Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
	SUPLICY, Marta. Sexo se aprende na escola . 2ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.
	CUNHA, Beatriz Monteiro. Amor e Sexo: assunto complexo? Editora Evoluir: São Paulo, 2000.
	PICAZIO, Cláudio. Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais . Editora Summus: São Paulo, 1998.
	MCLURKIN, Denise. Questões sociais desafiadoras na escola: guia prático para professores . Porto Alegre, 2015.
	MEYER, Dagmar E. Estermann. Saúde e sexualidade na escola . Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.

Fonte: Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX), 2019.

A segunda ação da pesquisa documental foi a catalogação e organização dos livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual para a realização da análise documental. Separamos os livros pela tipologia⁵, levando em consideração o que dizia sua ficha catalográfica, por isso, a divisão dessa primeira fase de pesquisa ficou da seguinte forma:

Quadro 2 – Distribuição dos livros paradidáticos pela tipologia: Sexualidade e Educação Sexual.

LIVROS DE SEXUALIDADE	LIVROS DE EDUCAÇÃO SEXUAL
ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays . Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.	BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola . 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. Saúde e sexualidade na escola . Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.	PICAZIO, Cláudio. Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade . São Paulo: Summus, 1998.
FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer . Fundação Roberto Marinho, 2001.	PICAZIO, Cláudio. Diferente desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais . Editora Summus: São Paulo, 1998.

⁵ A categorização em livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual obedeceu à informação disponibilizada na ficha catalográfica dos livros.

<p>SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. 19ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.</p>	<p>AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na escola: alternativas e práticas. Coordenação: JulioGroppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.</p>
<p>SUPLICY, Marta. Sexo se aprende na escola. 2ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.</p>	<p>CARVALHO, Maria Eulina; SOUSA, Valquíria Alencar. Por uma educação escolar não sexista. Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.</p>
	<p>ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia;</p> <p>SILVA, Lorena Bernadete. Juventudes e sexualidade.</p> <p>Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena B. da Silva.</p> <p>Brasília: UNESCO Brasil, 2004.</p>
	<p>MCLURKIN, Denise L. Questões sociais desafiadoras na escola: guia prático para professores. Porto Alegre, 2015</p>
	<p>CUNHA, Beatriz Monteiro da. Amor e Sexo: assunto complexo? Editora Evoluir: São Paulo, 2000.</p>
	<p>PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.</p>

Fonte: Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX), 2019.

A terceira ação da pesquisa documental foi a leitura flutuante e a leitura em profundidade de todos os conteúdos selecionados dos livros de Sexualidade (cinco livros) e Educação Sexual (nove livros), catalogados nas escolas objeto da investigação. A análise do conteúdo dos 14 livros foi feita a partir das proposições de Bardin (2011, p. 148), que consiste em “uma operação de classificação de elementos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por agrupamento, segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”.

Com as categorias construídas, partimos para a elaboração dos quadros-resumo, de acordo com o modelo idealizado por Sá-Silva (2012). Esses quadros serviram de base para nossa análise mais pontual das categorias que construímos na análise documental dos 14 livros.

A quarta ação da pesquisa documental, portanto, foi a análise do conteúdo e construção das categorias de análise (MINAYO, 2014). Este processo de categorização foi dividido em duas etapas: Construção do inventário e Classificação. A primeira etapa dessa quarta ação (construção do inventário) consistiu na extração de dados e isolamento. Na segunda etapa (a classificação), os dados obtidos foram classificados em categorias. A quinta e última ação da pesquisa documental foi a discussão e teorização das categorias de análise. E, também, onde nos debruçamos a compreender as principais categorias que norteiam essa pesquisa, que são homossexualidade e homofobia.

A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA EM LIVROS PARADIDÁTICOS DE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Nesta pesquisa, nosso desafio foi analisar livros paradidáticos de Sexualidade e Educação Sexual, compreendendo como autoras e autores dialogam sobre esses temas, bem como perceber a existência de proposições pedagógicas que apontassem para o campo da educação para a diversidade, possibilitando, assim, a problematização e prevenção da homofobia na escola.

De acordo com Laguna (2001), no Brasil, os livros paradidáticos, a partir dos anos 1970 do século passado, nasceram das discussões sobre a necessidade de autoras/es brasileiras/os produzirem para crianças e jovens a fim de formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. Livros com textos mais acessíveis que serviriam para introduzir o/a estudante no mundo da leitura e prepará-los/as para leituras mais complexas, como as de Arthur Azevedo, por exemplo.

Dessa forma, compreendemos que os livros paradidáticos guardam uma leitura necessária e importante para o desenvolvimento intelectual de nossas/os estudantes, não sendo menos importantes que os livros didáticos. Ambos são complementares em sala de aula e devem ser lidos com a máxima cautela e senso crítico que o rigor científico exige.

Neste sentido, destacamos que, falar sobre sexo, o corpo, ou a identidade sexual e de gênero das pessoas, ainda é motivo de estranhamento e, por vezes, esses temas são anunciados com polêmica e medo. Medo que silencia na escola possíveis diálogos que ajudariam no enfrentamento, por exemplo, de práticas homofóbicas.

Pensamos que os temas, como a sexualidade e educação sexual, que são tomados pelo senso comum ou até mesmo pela comunidade científica como polêmicos, são temas que, de certa forma, causam incômodo, desconforto e desnaturalização de conceitos e normas. E isso é pertinente nos estudos pós-críticos,

pois, na medida em que se sai da zona de conforto intelectual, religiosa, social, cultural e política, é feito um convite a estudar, observar, analisar. Então, o que antes era tomado como polêmico passa a ser percebido como categorias científicas pertinentes à construção de sujeitos de pesquisa, tais como, a título de exemplo, homossexuais.

Portanto, como dito nos aspectos metodológicos para a construção desta pesquisa, os livros catalogados foram lidos de maneira aprofundada. E, no decorrer dessas leituras, seis categorias ganharam força ao longo de nossas análises documentais: educação para diversidade, educação sexista/educação homofóbica, homossexualidade na visão sociocultural, homossexualidade na visão psicológica, homossexualidade na visão biomédica e visões sobre homofobia.

A categoria educação para diversidade diz respeito não só às propostas pedagógicas apresentadas pelas/os autoras/es, mas, também, aos discursos de formas de inclusão, igualdade e alteridade, incentivando ou apresentando propostas para se trabalhar a homossexualidade e o combate à homofobia na escola. Observe um trecho de um dos livros analisados e que sustenta a construção dessa categoria:

A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola a partir da sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais supostamente baseadas no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de educação e sociedade (SOUSA; CARVALHO, 2003, p. 15).

A Educação Física, que é uma das disciplinas mais temidas entre as/os jovens adolescentes homossexuais, por exemplo, em suas aulas práticas, deve desconstruir por meio de problematizações e questionamentos os esportes que são considerados de homens e os que são considerados de mulheres, demonstrando que não há diferença, que o esporte é único e que as escolhas de práticas devem ser feitas livremente.

Daniel Cunha (2019) socializa as marcas que a Educação Física deixou em sua vida, porque, ao jogar “queimada” com suas amigas, recebia muitos olhares destorcidos, silenciados, que representavam sentidos diversos, entre eles o de que não era um jogo para meninos. O impacto foi maior quando a professora o obrigou a jogar futebol, esporte tido como masculino, com os rapazes de sua sala; não sendo o que queria fazer, preferiu se isolar; e, a partir daquele momento, além de a cena não sair de sua cabeça, compreendeu os significados do que a educadora quis passar a ele. Esses discursos sobre a diferença entre os gêneros se repetem em todas as instituições, inclusive, na escola (ALVES REIS; SILVA DUARTE; SÁ-SILVA, 2019).

Sá-Silva (2012) alerta que nas escolas a utilização dos termos ‘qualira’ e ‘qualhira’, que designam homens afeminados, refletem agressões físicas, verbais e simbólicas. Determinados usos de termos semelhantes, para localizar a pessoa homossexual, despertam em quem escuta uma ofensa a sua integridade, que humilha, marginaliza e exclui. Esse processo de exclusão, marginalizante e humilhante, justifica a prática e a reflexão de duas importantes categorias construídas em nossa pesquisa: a categoria educação sexista/educação homofóbica. Estas categorias refletem as discussões que visam separar os gêneros e destinar um olhar heteronormativo para as pessoas, seja no espaço da educação formal (escola) seja no espaço da educação informal: família, amigos ou igreja, por exemplo. Veja o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Sempre tem [preconceito]. Eu acho que é, tipo assim, como um trauma assim, que existe em algumas pessoas: “Ah, eu não gosto de negro. Ah, eu não gosto de gay, sabe?”. É alguma coisa que aconteceu com ele, sabe? Não tem explicação, embora eu não goste de nenhum gay e se não chegar perto, mas se chegar também, eu fico com raiva, eu não gosto, eu conheço vários sapatão, mas eu não gosto, sabe? Se quiser ser, tudo bem, né? Mas ele lá e eu aqui, converso numa boa, tenho vários amigos assim, só que ele lá e eu aqui. (Grupo focal com alunos, escola pública, Cuiabá)” (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 283).

Já a categoria visões sobre homofobia baseia-se nos discursos e práticas que refletem ignorância, desconhecimento, preconceito, discriminação, marginalização, exclusão e agressões físicas, psicológicas, sexuais por parte de pessoas que não respeitam homossexuais (homens e mulheres). Leia o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Mas, ainda que se focalize aqui mais a questão da homofobia, são diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceito e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 279).

As pessoas não deveriam ser estereotipadas pelo que expressam, pois, os corpos carregam ideias, valores, referências de socialização de uma cultura (LOURO, 2015). Entretanto, qualquer homem ou mulher que tenha uma postura diferenciada do padrão estabelecido pela cultura heteronormativa é estigmatizado/a ou, nas palavras da autora supracitada, marcado/a. E são essas marcas que contribuíram para a construção das categorias que refletem as visões sobre a homossexualidade.

A categoria homossexualidade na visão sociocultural expressa como a homossexualidade foi sendo construída ao longo da história da humanidade, não só pelas pessoas homossexuais, mas também pelas características ou estereótipos atribuídos a essas pessoas. Observe o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Precisamos reconhecer que a homossexualidade não é uma questão ou um assunto que interesse apenas a uma minoria. As distintas formas de viver a sexualidade interferem umas nas outras, são interdependentes. Provavelmente os conservadores estão com cavaco quando dizem que, nos dias de hoje, há uma espécie de “celebração” de homossexuais e que isso está “afetando a família” (MEYER, 1998, p. 92 e 93).

Na Grécia Antiga, por exemplo, as pessoas viviam suas experiências afetivas e sexuais conforme suas vontades; os relacionamentos homoafetivos, exemplificando, não estereotipavam ninguém. A cultura dos gregos antigos possibilitava que essas relações fossem vistas de maneira muito natural, afinal cabia aos homens mais velhos o ensino de todas as coisas aos jovens (crianças e adolescentes, conforme conhecemos hoje em dia); o nome desse processo educativo entre os homens era conhecido como pederastia.

Com o avanço dos domínios da Igreja Católica e a intensificação dos discursos moralizantes sobre o entendimento social dos papéis masculinos e femininos, os sentidos sobre a sexualidade foram ganhando conotações estigmatizantes e quem violasse o estabelecido pelas escrituras sagradas estava sujeito a punições. Desse modo, o discurso moralista tomou forma e poder, principalmente entre as classes dominantes. As sociedades colonizadas, como a brasileira, são fundamentadas nesse tipo de discurso e comportamento.

A categoria homossexualidade na visão psicológica expressa como a homossexualidade é vista a partir do comportamento ou conduta das pessoas. Veja o trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

Não gosto de futebol, converso muito com as meninas, não sou de briga. As pessoas pensam que eu sou gay. Será que vou ter que me forçar a fazer coisas de que não gosto para que meus amigos não me encham? (André, 16 anos) (PICAZIO, 1998, p. 51).

Um beijo ou mesmo um ato sexual entre pessoas do mesmo sexo/gênero não define que elas sejam homossexuais. Gostar de rosa ou brincar de boneca faz parte dos nossos gostos. Nada disso define uma pessoa como homossexual. Na verdade, elas se tornam marcas de poder; e Daniel Cunha (2019) nos informa que essas marcas visam padronizar as pessoas e trazem uma negatividade muito grande a essas vidas.

As características do comportamento sexual dos homens e das mulheres de hoje parecem ser bastante remotas. Através da evolução, nosso ancestrais nos legaram a sexualidade com todos os comportamentos que encontramos atualmente: o olhar, o namoro,

o desejo, o orgasmo, o prazer, a infidelidade, a homossexualidade, a masturbação e tudo o mais (AQUINO, 1997, p. 91).

A categoria homossexualidade na visão biomédica é compreendida por meio das explicações que a Biologia e Medicina determinam sobre a sexualidade das pessoas homossexuais. Vejamos trecho de um dos livros analisados que sustenta a construção dessa categoria:

A principal causa do homossexualismo é o desequilíbrio hormonal. Homens e mulheres são homossexuais porque nasceram assim. Nos casais homossexuais um dos parceiros assume sempre o papel ativo, enquanto o outro desempenha sempre o papel passivo. Os homossexuais, em geral, têm muita criatividade e jeito especial para as carreiras artísticas (BARROSO e BRUSCHINI, 2000, p.77).

Segundo Foucault (2015), as instâncias, como as Ciências Médicas e a Psicanálítica, estudaram e afirmaram nos últimos séculos como a homossexualidade ocorre e quais os sintomas, para saber as formas de prevenção, cura e perpetuar a heteronormatividade. A homossexualidade era entendida como patologia psíquica. A divulgação freudiana predominava nos conteúdos retratados em documentos, como livros de Medicina, Psicologia e Educação, embora o olhar do determinismo biológico influenciasse muitos autores e autoras na ideia de que as glândulas endócrinas alimentavam a propagação de homossexuais (SÁ-SILVA, 2012).

A educação moralista e sexual reforça esse discurso biomédico e contém estratégias heteronormativas, com o propósito de conter os desejos sexuais entre as mulheres e, também, curar a homossexualidade. A preocupação da heteronormatividade em perder os espaços para a homossexualidade se intensificou, sobretudo, nas escolas e internatos, quando, nestes espaços, professores e professoras, freiras e outras/os funcionárias/os ficavam de olho nas/os jovens que em momento nenhum poderiam ficar a sós, pois poderia haver uma prática homossexual (SÁ-SILVA, 2012).

Ao nos conscientizarmos de que essa pluralidade nos caracteriza como sociedade e como indivíduos, somos impelidos/as

a procurar novas formas de configurar um fator de enriquecimento e de desestabilização de sistemas de representações que hierarquizam termos e identidade(s) como naturais e inevitáveis, estigmatizam identidades contrárias e subvertem outros conceitos (JUNQUEIRA, 2007; 2009).

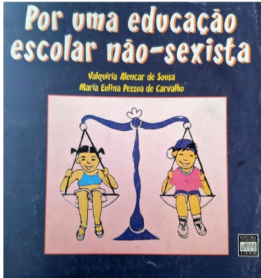
Nesse caso, Guacira Lopes Louro (2015) diz que o trabalho pedagógico deve ser contínuo, interminável e mutável, respeitando as realidades das/dos estudantes, mas que inflame um acolhimento, uma inclusão, que mostre que a sociedade é de todas, todos e todes⁶ e para todas, todos e todes.

⁶ Ao longo de todo esse texto, escrevemos dentro de uma linguagem binária, trazendo as pessoas masculinas e femininas. A linguagem não-binária é uma proposta que necessita de prática, tanto dentro quanto fora da comunidade LGBT+.

O tema da homossexualidade em livros de Educação Sexual

Os conceitos iniciais, apresentados no livro *Por uma educação escolar não sexista* (ver Quadro-síntese 1), escrito por Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2003), tais como sexismo, gênero, patriarcado e feminismo, estimulam os leitores a entenderem a obra não apenas pela capa. As autoras, ao longo de todo o texto, abordam como a heteronormatividade classificou e dividiu as pessoas, tendo como marcador o gênero, quando, na escola, meninas ficam de um lado e os meninos de outro. O tema da homossexualidade não é debatido nesse livro, mas como veremos na subseção, as autoras abrem para o debate sobre educação para diversidade e educação sexista/homofóbica. O livro catalogado no Centro de Ensino Liceu Maranhense é, na verdade, uma cartilha que propõe uma intervenção nas práticas educacionais que criam ou reforçam as desigualdades entre alunas e alunos e a iniquidade de gênero:

Quadro-síntese 1: Livro: SOUSA, Valquíria Alencar. *Por uma educação escolar não sexista*. Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autoras: Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho.</p> <p>Ano de publicação: 2003</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva sociocultural, desconstrucionista e feminista sobre a educação sexual e sexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>As autoras fazem uma crítica sobre os processos educativos que levam à construção de uma educação homofóbica e sexista. Além disso, descrevem possibilidades para pensar uma educação sexual para a diversidade, pontuando formas de dizer e fazer. Outros aspectos relevantes da obra são as articulações desconstrucionistas, realizadas para viabilizar uma visão sobre sexo e gênero que ultrapassa a perspectiva biologicista.</p>	<p>O livro não problematiza o tema da homossexualidade de forma explícita e direta. No entanto, as autoras apresentam ideias sobre sexualidade, gênero e educação sexual que traduzem uma dimensão pedagógica para a discussão da homossexualidade.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>O livro apresenta várias proposições pedagógicas para a discussão plural de gênero e sexualidade, demarcando a personificação do sujeito feminino. Tais formas de dizer estão articuladas ao campo da escola, da família e em outros espaços sociais. As autoras reforçam a todo momento uma educação para a diversidade, indicando metodologias e recursos didáticos de uso possível.</p>	

No Centro de Ensino Liceu Maranhense também encontramos o texto de Barroso e Bruschini (2000), intitulado *Homossexualidade*, presente no livro *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola* (Quadro-síntese 2), e que trata a homossexualidade de forma contextualizada, uma vez que divulga os contextos históricos, culturais e sociais da gênese da temática, e os contextos atuais, como os mitos que foram criados e que a Ciência já respondeu sobre o assunto, incentivando o respeito às diversas formas de vida. Um desses mitos é que o tipo de roupa que uma pessoa usa, seu modo de falar, mexer as mãos, as atividades profissionais que realiza, a orientação ideológica que tem, sua solidez moral, honestidade, confiabilidade e sua estabilidade emocional podem determinar sua orientação sexual e identidade de gênero.

Quadro-síntese 2: Livro: BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude:** como discutir a sexualidade em sua casa e na escola. 7. ed., São Paulo: Cortez, 2000.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Organizadores do livro: Carmem Barroso e Cristina Bruschini.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Autor e autora do capítulo: Rafael Mazin e Cristina Bruschini.</p> <p>Ano de publicação: 2000</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Obra de discussão sociocultural e problematizadora sobre a homossexualidade. Coloca em destaque a ideia de ampliarmos o olhar para a temática.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>A autora e o autor do capítulo trazem uma análise sociocultural sobre o tema de sexualidade, fazendo a construção histórica do pensamento homofóbico e, ao final, realizam uma proposição de abordagem de como tratar o tema na escola.</p>		<p>O capítulo do livro problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta. Há um relato dos aspectos históricos, a desconstrução de alguns mitos sobre homossexualidade e apresenta uma proposta pedagógica/estratégica, incentivando o debate sobre o tema.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<p>O capítulo do livro apresenta algumas propostas metodológicas para discutir o tema da homossexualidade em sala de aula. De forma mais específica, apresenta um questionário norteador metodológico, a ser desenvolvido com os estudantes, em que o docente pode tematizar a homossexualidade, a fim de realizar um debate que fomente o respeito ao diferente, à discussão daquilo qualificado como mítico e fixo sobre a homossexualidade, bem como o entendimento do tema em diferentes épocas e lugares.</p>		

O texto pontual uma discussão biomédica da homossexualidade apesar de sua visão sociocultural:

[...] pois enquanto alguns partem do fato de que os homossexuais nascem com essa forma de comportamento sexual já determinada (determinismo biológico), outros consideram que é um fenômeno de indução, quer pela iniciação por um corruptor, quer pela falta de uma imagem paterna adequada ou pela presença de uma mãe dominante ou ainda pelo exagerado ou deficiente dos seus sistemas endócrinos. Evidentemente a homossexualidade pode assim ser encarada como doença, vício, desajustamento ou neurose (BARROSO; BRUSCHINI, 2000, p. 76).

Em contrapartida, ele também nos apresenta a homossexualidade na visão sociocultural:

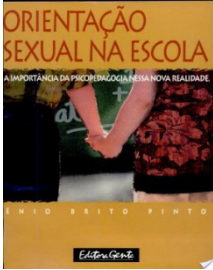
À conduta sexual humana tem-se tentado associar outros fenômenos comportamentais, bem como procurar causas e consequências de tais ou quais práticas. Em relação à homossexualidade, já se levantaram inúmeras hipóteses e discussões. Já foi considerada neurose, sintoma de imaturidade, pecado, doença endócrina, fraqueza genético-constitutiva, perversão, alternativa de vida ou até forma de vida requintada. Os enfoques perante um fenômeno humano mudam em relação ao nível de conhecimento que dele se tem, do momento histórico em que se vive e do lugar em que se está. A homossexualidade representa um exemplo típico (BARROSO; BRUSCHINI, 2000, p. 76).

O texto é curto, mas deixa uma mensagem positiva e estimula os professores e as professoras a discutirem o tema da homossexualidade, por meio da aplicação de um questionário (elaborado pelo próprio autor). Esse documento, que deverá ser respondido de forma anônima além de propor maneiras e soluções para os debates, promove as práticas de alteridade e respeito às diferenças, contribuindo para a construção de uma educação para a diversidade.

No Centro de Ensino Integrado Rio Anil – CINTRA, encontramos o livro de Ênio Brito Pinto (1999), intitulado *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa*

nova realidade. O livro traz, em seu capítulo 8, algumas ideias para aulas de orientação sexual. Apresenta a orientação sexual como parte de um programa escolar, bem como proposições e ideias de sistematizações para trabalhar determinados assuntos ligados à sexualidade.

Quadro-síntese 3: Livro PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.** São Paulo: Editora Gente, 1999.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autor do livro e do capítulo: Ênio Brito Pinto.</p> <p>Título do capítulo: Algumas ideias para aulas de orientação sexual.</p> <p>Ano de publicação: 1999.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem do capítulo é de perspectiva psicossocial sobre sexualidade, com proposições que estão diretamente ligadas à educação para a diversidade.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>O autor do livro propõe que se deva realizar um trabalho de orientação sexual que não se atenha apenas aos aspectos informativos ou biológicos acerca do tema, mas que abra espaços para que os/as jovens possam debater os tabus, os preconceitos e a educação sexual, de forma geral, buscando ampliar seus conhecimentos sobre a vida sexual e sobre sua própria sexualidade. Ele faz uma distinção entre orientação e educação sexual; nesse sentido, o autor faz uma breve passagem pela história da psicopedagogia, a fim de mostrar seu caráter interdisciplinar e seu foco nos problemas de aprendizagem, sempre buscando nela as fundamentações teóricas.</p>		<p>O capítulo não fala diretamente nem indiretamente sobre o tema “homossexualidade”, mas propõe de maneira intensiva que o assunto da orientação sexual seja trabalhado de forma mais ativa e contínua no espaço escolar.</p>


PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

Ao longo de todo o capítulo, o autor traz propostas pedagógicas, para que o professor de orientação sexual desenvolva no espaço escolar uma reflexão sobre como pode ser trabalhado o processo de orientação sexual na escola, com base em um procedimento psicopedagógico preventivo. Ele nos mostra, ainda, que se deve convidar para esse debate, além dos/das estudantes, os demais colegas docentes, a gestão escolar, funcionários e a família.

Entretanto, não discute explicitamente sobre a homossexualidade, mas suas falas de inclusão, autonomia e alteridade identificam nas entrelinhas o cuidado que o professor e a professora precisam ter com a homossexualidade.

Álvaro Lorencini Junior (1997), autor do capítulo “Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação”, pertencente ao livro *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*, catalogado no CINTRA, aborda a evolução do sexo a partir da perspectiva da evolução dos macacos e pongídeos (gorilas, orangotangos e chimpanzés), assim como determinadas estruturas e sensores biológicos do sexo se localizaram ao longo do tempo nos corpos animais e humanos.

Quadro-síntese 4: Livro: AQUINO, Julio Groppa. *Sexualidade na escola: alternativas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autor do livro: Júlio Groppa Aquino.</p> <p>Autor do capítulo: Álvaro Lorencini Júnior.</p> <p>Título do capítulo: Os sentidos da sexualidade, natureza, cultura e educação.</p> <p>Ano de publicação: 1997</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva biomédica, numa visão evolucionista e positivista da sexualidade humana.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
Trata-se de um livro sobre as múltiplas possibilidades de tangenciamento teórico e prático das manifestações da sexualidade no cotidiano escolar.	O capítulo não fala diretamente sobre o tema “homossexualidade”. No entanto, apresenta um trecho dentro de uma lógica biomédica sobre a homossexualidade. Também não fala sobre homofobia.
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
O capítulo traz em sua parte final propostas pedagógicas direcionadas a uma educação para diversidade, que possibilite uma postura crítica e democrática por parte do/a professor/a, considerando os aspectos emocionais, culturais e éticos que envolvem os temas abordados.	

Quando os componentes biológicos e culturais se veiculam, os estímulos para o desenvolvimento humano são mais intensos (SILVA, 2018). O que nos deu indícios para a construção da categoria homossexualidade na visão biomédica:

As características do comportamento sexual dos homens e mulheres de hoje parecem ser bastante remotas. Através da evolução, nossos ancestrais nos legaram a sexualidade como todos os comportamentos que encontramos atualmente: o olhar, o namoro o desejo, orgasmo, o prazer, a infidelidade, o homossexualismo, a masturbação e tudo mais (AQUINO, 1997, p.91).


Embora Aquino (1997) siga por esse percurso do biológico, ele direciona professoras e professores a trabalharem em sala de aula a sexualidade, democratizando os discursos das/os estudantes a partir da ludicidade. O autor acredita que a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos, que configuram a cultura, estão presentes, tais como: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, afirma Júnior, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos.

O livro Amor e Sexo: assuntos complexos?, escrito por Beatriz Cunha (2000) e catalogado na Escola Modelo, traz alguns

significados de palavras que devem ser discutidas na Educação Sexual, numa perspectiva desconstrucionista, como masturbação, virgindade e vida sexual; e dentre elas aparece o termo homossexualismo, que a própria autora diz ter caído em desuso pelo sentido de doença a que remete.

Entretanto, a homossexualidade não ganha uma discussão detalhada, esclarecedora e inclusiva, é apenas citada timidamente, numa visão sociocultural. Ainda no capítulo, a autora diz que muitas questões podem ser levantadas e que todas/todos temos o direito de sermos felizes, já que vivemos em um mistério, porém não especifica quais. Sem proposições pedagógicas deixa em aberto a didática que a/o professora/professor pode utilizar em sala de aula, a partir da realidade de suas/seus discentes. Trata-se de um livro prático e inteligente, que traz no final uma relação de instituições que trabalham com o tema da educação sexual.

Quadro-síntese 5: Livro: CUNHA, Beatriz Monteiro. Amor e Sexo: assunto complexo? São Paulo: Editora Evoluir, 2000.

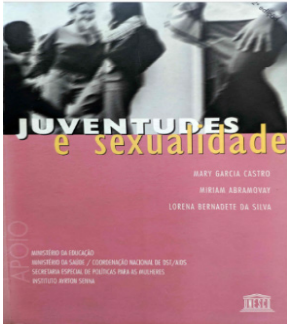
LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autora do livro: Beatriz Monteiro da Cunha.</p> <p>Ano de publicação: 2000.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Possui abordagem sociocultural sobre a homossexualidade e com perspectivas para uma educação para a diversidade.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>A autora conversa com o/a leitor(a) de maneira clara e precisa, leve, bem-humorada e descontraída. Trata-se de um livro prático e inteligente, que traz no final uma relação de instituições que trabalham com o tema da educação sexual.</p>		<p>O capítulo contempla a homossexualidade de forma tímida, numa visão histórica, além de preconizar uma abordagem acolhedora.</p>

PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

Sem proposições pedagógicas, porém deixa em aberto a didática que o/a professor/professora pode utilizar de acordo com sua realidade.

Na Escola Modelo, encontramos o livro *Juventudes e Sexualidade*, organizado por Miriam Abromovay, Mary Castro e Lorena da Silva (2004). O livro traz uma pesquisa realizada em 14 cidades brasileiras sobre Violência, Aids e Drogas nas Escolas, realizada em 2001. Destacamos a seção 6.2 do livro, intitulada *Preconceitos e Discriminações: o caso da Homofobia*, que nos traz dados preocupantes, já naquele período, sobre a situação da população homossexual nas escolas.

Quadro-síntese 6: Livro: ABROMOVAY, Miriam. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autoras do livro e capítulo: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva.</p> <p>Título do capítulo: Preconceitos e discriminações: o caso da homofobia.</p> <p>Ano de publicação: 2004.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>O capítulo apresenta uma perspectiva psicológica e sociocultural sobre a homossexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>As autoras buscam, por meio de evidências em pesquisas da UNESCO, apresentar e discutir dados sobre o processo de construção de práticas, relações e representações de gênero-sexualidade (situando a violência, AIDS e drogas nas escolas), registrando sua ocorrência em diferentes espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho e, também, na escola. O capítulo expõe as contradições de uma sociedade, cujas diferenças regionais são marcantes, pois, embora pareça mais propensa a tratar da sexualidade, não consegue responder aos anseios dos/as jovens. O tema desperta curiosidade, prazer e amorosidade e também suscita temores e dúvidas tanto entre os/as jovens quanto entre os/as adultos/as, responsáveis por sua formação.</p>	<p>O capítulo traz visões gerais sobre homofobia, educação sexista/homofóbica, além de apresentar uma visão moral sobre homossexualidade.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>O livro não apresenta proposições pedagógicas direta e explicitamente para uma atividade problematizadora da homossexualidade, porém alguns depoimentos podem permitir ideias para discussões sobre a temática.</p>	

O não convívio harmonioso entre alguns heterossexuais e homossexuais pode ser percebido, por exemplo, nos espaços escolares, além da intolerância e da rejeição aos homossexuais. Alguns depoimentos de jovens indicam ideias preconcebidas que geram estigmas e estereótipos. É um dos poucos textos analisados que traz a perspectiva da homossexualidade feminina (lésbicas). Sobre a homossexualidade na visão sociocultural:

Tinha um menino sabe, ele era um menino delicado, você entende? Homem não é assim, não aceitaria isso. Mas era o jeito dele, não era porque ele era gay e tal, afeminado, ele era uma pessoa assim que, sabe? Ele era completamente diferente de um menino, assim, ele não é diferente as atitudes dele, o jeito dele agir, ele não tinha aquele machismo, ele tratava as pessoas mais com

clareza. A amizade com os meninos sabe, ele não tinha, porque todo mundo falava que ele era gay e chegou assim a ter um caso assim altamente drástico dentro da sala, ele falou que ia parar de estudar por causa disso. (Grupo focal com alunos, escola pública, Rio Branco) (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 287).

Abromovay, Castro e Silva (2004) apresentam resultados de uma pesquisa sobre a homossexualidade e a homofobia, realizada em algumas escolas de cidades brasileiras. A homossexualidade é discorrida pelos participantes (professores/as, pais/mães, responsáveis, alunas/os, diretores/as), na maioria das entrevistas, numa perspectiva de ignorância, repúdio, discriminação, exclusão e que não deve ser discutida no ambiente escolar.

Em contrapartida, em poucas falas, professores/as, diretores/as dizem que fazem um trabalho de problematização, de respeito, mesmo que não seja tão completo e complexo. O livro não apresenta proposições pedagógicas diretas e explícitas para uma atividade problematizadora da homossexualidade e homofobia em um contexto escolar, porém, alguns depoimentos permitem uma discussão interessante, mostrando que ainda se tem muito o que trabalhar para desmitificar preconceitos e ignorâncias.

No capítulo 8, do livro *Questões Sociais Desafiadoras na Escola*, de Denise McLurkin (2015), intitulado *Orientação Sexual*, são realizadas três reflexões textuais que envolvem a homossexualidade; os textos são acompanhados de perguntas a serem debatidas em sala de aula. Este exemplar também foi catalogado na Escola Modelo e é o mais atual de todos os livros analisados.


Quadro-síntese 7: Livro: MCLURKIN, Denise. Questões sociais desafiadoras na escola: guia prático para professores. Porto Alegre: AMGH, 2015.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autora do livro e do capítulo: Denise L. Mclurkin.</p> <p>Título do capítulo: Orientação Sexual.</p> <p>Ano de publicação: 2015.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>Apresenta uma perspectiva sociocultural sobre a sexualidade.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>Como os professores devem abordar temas como discriminação, bullying, orientação sexual, uso de drogas, violência e diversidade cultural em sala de aula. Este guia prático prepara profissionais da educação para lidar com essas e outras questões sociais desafiadoras que fazem parte da realidade do ensino de crianças e jovens no século XXI. A partir de relatos de situações reais, vividas por professores e professoras, a autora discute questões complexas, trazendo conselhos e sugestões de docentes, experientes sobre como trabalhar esses temas em sala de aula. Esta obra é um excelente ponto de partida para refletir sobre questões sociais contemporâneas e aprimorar as práticas de ensino no dia a dia, trazendo o debate para dentro da escola.</p>		<p>O capítulo não traz um conteúdo específico sobre homossexualidade, mas apresenta uma visão sociocultural sobre a categoria. Trazendo uma visão geral sobre homofobia e educação sexista/homofóbica.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<p>As proposições pedagógicas são direcionadas a uma educação para a diversidade, por meio de reflexões dos relatos históricos e das questões para debate, permitindo a professoras e professores trabalharem segundo sua realidade.</p>		

McLurkin (2015) expressa uns relatos históricos de uma professora do ensino fundamental, frente à discussão de assuntos em sala de aula, ligados à sexualidade, demonstrando a desmitificação que realizou com suas/seus alunas/alunos, numa perspectiva de respeito e igualdade. A homossexualidade é apresentada de maneira explícita e direta numa visão sociocultural, em que se pode observar, em um dos relatos, uma ação de desconstrução pedagógica, tanto para alunas/os quanto para uma mãe que aparece questionadora em uma das histórias. As proposições pedagógicas são direcionadas a uma educação para a diversidade, por meio de reflexões que as questões pós-relatos impulsionam, e através de um tópico especial no final do livro, voltado para professores/as, sobre orientação sexual.

Por fim, no que diz respeito aos livros de Educação Sexual, analiso duas obras do autor Cláudio Picazio. A primeira delas chamada *Sexo secreto*, temas polêmicos da sexualidade (1988), catalogada na escola CINTRA. Desse livro, destaquei o capítulo 2, intitulado *Homossexualidade*, que traz reflexões e esclarecimentos sobre as possíveis fantasias que as/os estudantes tenham a respeito dessa orientação sexual, além de colaborar com a aceitação das/os colegas de turma se, porventura, algum/a aluna/o for homossexual.

Quadro-síntese 8: Livro: PICAZIO, Cláudio. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autor do livro e do capítulo: Cláudio Picazio.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1998.</p> <p>Tipologia: Educação Sexual.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva psicossocial, com propostas socioculturais sobre a homossexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>O autor apresenta as possíveis fantasias que alunas e alunos tenham a respeito dessa orientação de desejo sexual, colaborando, assim, com a aceitação da classe se, porventura, algum/a estudante for homossexual. Este livro traz temas, frequentemente expostos pela mídia, e que são distorcidos por ela, tais como os papéis sexuais, a homo e bissexualidade, garotos de programa, travestis, drags, perversões sexuais, entre outros. O autor, nesse contexto, organiza a matéria para que educadores possam usá-la na disciplina de orientação sexual e para tirar dúvidas de maneira clara e despreconceituosa, abrindo caminho para um exercício da sexualidade mais responsável e consciente pelos/pelas adolescentes.</p>	<p>O capítulo problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta. Há uma preocupação por parte do autor de preservar a identidade do sujeito homossexual, retirando o sufixo “-ismo” do termo “h o m o s s e x u a l i s m o ” e conceituando a homossexualidade sem “opção sexual”. O autor, inclusive, aborda os impactos que a homofobia causa nas pessoas homossexuais.</p>
<p>PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS</p>	
<p>O capítulo apresenta três sugestões pedagógicas; a primeira é abordar o tema dinamicamente e convocar os/as estudantes para assistirem a um filme pertinente à temática; após a exibição, promover uma discussão sobre o conceito de homossexualidade e destacando as questões da dificuldade de se viver uma orientação sexual diferente da maioria. A segunda proposição é uma dinâmica envolvendo uma reflexão do texto “No país de Blowmink”, acompanhada de questões abertas em relação ao texto. A terceira, consiste num questionário que tem por objetivo “diagnosticar” o conhecimento das/dos alunas e alunos sobre alguns conceitos pertinentes à temática da orientação sexual.</p>	

Este capítulo, embora bem curto, contribui de forma significativa na construção de uma prática docente que favoreça a educação para a diversidade. Destacamos as principais categorias predominantes no texto:

Homossexualidade na visão psicológica:

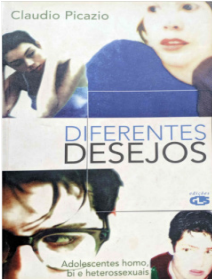
Um homossexual não é um hétero frustrado. A frustração dos homossexuais pode residir no fato de não terem a mesma aprovação social que os héteros (PICAZIO, 1998, p. 32).

Homossexualidade na visão sociocultural:

A maioria das pessoas diagnostica alguém como homossexual pela sua forma de se comportar socialmente, se homens, mais efeminados, e se mulheres, mais masculinizadas, o que consiste em um grande erro, uma vez que já vimos que uma pessoa pode ter a sua orientação de desejo direcionada para uma pessoa do sexo oposto e ter esses mesmos comportamentos. Por exemplo: um cabeleireiro pode ser tanto hetero como homossexual; um homem que não goste de futebol tanto pode ser hétero quanto homossexual. É extremamente importante que não nos detenhamos nos papéis sexuais para determinar se esta ou aquela pessoa é hetero ou homossexual (PICAZIO, 1998, p. 30).

Já o livro *Diferentes Desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais* (1998), catalogado na Escola Modelo, foi analisado na íntegra. É um dos dois livros mais marcantes, em nossa análise, pois traz a fala das personagens reais, ou seja, o autor se propõe a responder de maneira bem simples e objetiva a diversas perguntas enviadas a ele. São questionamentos de adolescentes e, também, de mães e pais, sobre assuntos relacionados à sexualidade. Além das perguntas, o livro apresenta depoimentos, carregados de emoção, de pessoas homossexuais.

Quadro-síntese 9: Livro: PICAZIO, Cláudio. *Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais*. São Paulo: Editora Summus, 1998.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autor do livro: Cláudio Picazio</p> <p>Ano de publicação: 1998</p> <p>Tipologia: Educação Sexual</p>	<p>Traz uma perspectiva psicológica com proposições de teor sociocultural sobre a sexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>O autor discute as “confusões sobre a homossexualidade”, revelando e refletindo criticamente por meio de algumas entrevistas, realizadas com jovens estudantes entre 14 a 18 anos, questões marcadas pelo sexismo, pelo racismo, pela misoginia e pela heteronormatividade, que não é uma realidade apenas da escola, mas que tem nas raízes fincadas uma dimensão sociocultural (re)construída na sociedade.</p>	<p>A homossexualidade é discutida numa perspectiva cultural, social e política, respeitando a expressividade de cada sujeito, incentivando um debate sobre a temática. Além de apresentar visões sobre a homofobia.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>As proposições pedagógicas não são explícitas, porém podemos entender que tais discussões permitem um debate em sala de aula, como atividade problematizadora, por exemplo, mas fica a cargo do/da professor/professora as metodologias a serem utilizadas, despertando para uma educação para a diversidade.</p>	

Este livro, por ser volumoso em seu conteúdo, nos fornece informações densas para construção de outras categorias.

Vejamos, *homossexualidade na visão sociocultural*:

A homossexualidade não é simplesmente uma prática sexual com um indivíduo fisicamente igual. A homossexualidade é um desejo de se vincular emocional e sexualmente com alguém do mesmo sexo. Em muitos casos as pessoas não se permitem esse sentimento, tentando aliviar seu desejo por vínculos amorosos com mais práticas-sexuais (PICAZIO, 1998, p. 25).

Homossexualidade na visão psicológica:

Peguei minha filha na cama com a amiga dela, estavam se beijando. Ela tem que ter um desvio psicológico, isso não pode ser normal. Levei-a ao psicólogo e ele me disse que ela não tem nenhum problema. Não posso acreditar nisso. Devo levá-la a um psiquiatra? (PICAZIO, 1998, p. 110).

Picazio (1998) divulgou um trabalho bem interessante sobre a homossexualidade e a homofobia, visto que, de forma acolhedora, compreensiva, desconstrucionista, inclusiva e de alteridade, pontua caminhos para uma discussão sobre a diversidade, para o enfrentamento da LGBTfobia e para a garantia do direito e igualdade de todas/todos. A homossexualidade ganha uma narrativa cultural, histórica, política e social, em que coloca todas/os num mesmo espaço, numa mesma linguagem, incentivando debates sobre as temáticas. As proposições pedagógicas não são explícitas, porém podemos entender que tais narrativas corroboram para uma discussão em sala de aula, por meio de atividades problematizadoras, deixando o/a professor/a livre em suas didáticas.

Destarte, podemos entender que a linguagem, nos livros aqui apresentados e em outros materiais pedagógicos, expressa intencionalidades no corpo de seu texto; algumas permitindo e descrevendo saberes discutíveis, e outras que se limitam em suas exposições. Por isso, é importante que professores/as, mães/pais, alunas/os, funcionárias/os da escola compreendam como os discursos de exclusão estão sendo formados na instituição escolar, desde os ditos aos não ditos, de materiais didáticos ou de pessoas, para não enfatizar relações de poder e estranhar políticas “incontestáveis”. As falas podem gerir uma desvalorização social de desejos subjetivos e de identidade dos/das cidadãos/cidadãs (ALMEIDA; BEZERRA, 2018).

A análise do conteúdo evidenciou que a homossexualidade, nos livros de Educação Sexual analisados, apresenta-se de diferentes perspectivas, visto que algumas/alguns autoras/autores partem da historicidade, cultura, política e do social para uma discussão específica, detalhada, propondo maneiras de trabalhar a temática em sala de aula e de inseri-la no planejamento escolar, enquanto outras/os não se aprofundam no conteúdo, discutem por meio das experiências, da realidade das/os alunas/os e de fenômenos evolutivos a ideia de desconstrução dos papéis de gênero e equidade nas relações e atividades.

Os livros que descreveram sobre a homossexualidade, numa visão social, cultural, histórica e política, são dos/das autores/autoras: Picazio (1998); Mazin e Bruschini (2000); Abromovay,

Castro e Silva (2004); e McLurkin (2015), que trouxeram uma linguagem clara e problematizadora sobre a temática, além das proposições explícitas ou implícitas que facilitam o trabalho docente na sala de aula.

De acordo com algumas/alguns autoras/autores desses livros, a sala de aula é um local de aprendizado, onde o protagonismo estudantil precisa acontecer; é o local onde as ideias e os argumentos devem ser (re)produzidos na garantia de uma valorização à democracia e ao respeito às diferenças, e que, a partir da professora e do professor, as formas de ensinar-aprender sejam facilitadoras para o entendimento da diversidade, seja por meio de um debate, seja por meio de jogos ou de outras atividades.

A diferença é um marcador fundamental para compreender a diversidade e, assim, entender que não somos iguais, portanto, não há necessidade de ofender a/o outra/o, quando também possuímos diferenças, que podem (mas, não deveriam) ser usadas para justificar um ato violento contra nós. Percebe-se, então, que a Educação Sexual é um mecanismo que visa combater a ignorância e o preconceito, isto porque é através dela que significados e reformulações são passados adiante.

O tema da homossexualidade em livros de Sexualidade

O tema Sexualidade faz parte do dia a dia de milhares de pessoas pelo mundo afora. Ele se faz presente em diversos espaços como em festas, ambientes escolares ou no trabalho. É evidenciado em conversas entre jovens, adolescentes, meninas e meninos; faz-se presente em diálogos, programas de TV, novelas, séries, filmes, livros, etc. Entretanto, este tema sofre repreensão, quando tratado em sala de aula, por ser, ainda e em muitos lugares, considerado um tabu ou por ausência de docentes sensíveis no trato com esse trabalho, talvez por sentirem a pressão da sociedade, talvez por haver um melindre em tocar nesse tema de forma pedagógica.

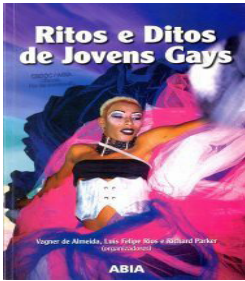
Louro (1997) trata dessa questão indicando que, independentemente de se apresentar de forma manifesta ou explícita, ou de compor o conteúdo de algum projeto de educação sexual, as sexualidades transitam pelos espaços escolares, à medida

que são parte constituinte das identidades dos agentes sociais que frequentam esses espaços. E tudo isso ainda acontece, apesar de, recentemente, o tema Sexualidade ser instituído nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como tema transversal (BRASIL, 1998).

A escola é um instrumento veiculador de informações sobre formas de prevenções. Chega-se ao ponto de afirmar que quanto menor a instrução maior a taxa de gravidez entre adolescentes. Por esse motivo, nota-se que este tema, apesar de bastante estigmatizado e sofrer repreensão, torna-se um veículo carregado de informações que são e devem ser destinadas a jovens e adultos, tanto por conta da pertinência, quanto pela sede de informações que muitos têm em torno da sua própria sexualidade.

Em vista às informações mencionadas, trazemos para discussão o livro Ritos e Ditos de Jovens Gays, em que encontramos nos conteúdos a disseminação de informações voltadas para a sexualidade:

Quadro-síntese 10: Livro: ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. Ritos e ditos de jovens gays. Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autores do livro: Vagner de Almeida, Luís Felipe Rios e Richard Parker.</p> <p>Ano de publicação: 2004.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>A abordagem é de perspectiva sociocultural sobre a homossexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>O livro apresenta muitos depoimentos de jovens homossexuais, que contam sobre suas experiências sexuais, decepções familiares, situações de homofobia; relatam sua vida de dor, sonhos, desejos e também de alegrias e, acima de tudo, contam corajosamente sua forma de enfrentar, com dignidade e honestidade, uma sociedade, tantas vezes injusta e opressora. Os autores abrem espaço para dialogar sobre educação preventiva e educação para a diversidade.</p>	<p>Os autores falam diretamente e explicitamente sobre a homossexualidade. Abordam os impactos que a família, a religião e a escola têm sobre esse tema, levando a maioria dos jovens homossexuais à depressão, envolvimento com drogas e suicídio como refúgio de suas dores.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>O livro traz proposições metodológicas para o assunto no campo da educação não-formal, a partir de intervenções diretas nas ruas, boates, clubes, locais de prostituição e praças, com distribuição de panfletos/convite, para as oficinas, e de preservativos, direcionadas para esse grupo de adolescentes. Uma dessas oficinas envolve o teatro e a produção de vídeos. Os autores também enfatizam que o uso da linguagem mais próxima do cotidiano desses jovens facilita o processo de comunicação.</p>	

O livro *Ritos e ditos gays*, organizado por Almeida, Rios e Parker (2004) foi o livro de Sexualidade mais marcante em nossa pesquisa e análise documental, tendo em vista que a obra é composta de depoimentos de jovens homossexuais, que compartilham um pouco de sua trajetória, convivência, desejos, decepções, dificuldades e sonhos; que comentam sobre a escola, a igreja, e a família e como essas instituições impactaram em suas vidas, a partir do momento em que resolveram expressar sua sexualidade. Os depoimentos são publicados, sem qualquer alteração ou edição nas palavras e termos usados pelas personagens, e trazem marcas profundas de violência, solidão e até desespero por parte de pessoas LGBTQIA+, principalmente homossexuais.

Assim, apresenta, a partir dessa estrutura do texto, traços socioculturais marcantes, onde nos faz imaginar as situações vividas por esses jovens e até mesmo sentir com bastante profundidade as dores relatadas por eles, tendo em vista as agressões psicológicas e corporais, tudo isso pelo simples fato de manifestarem identidades adversas as preestabelecidas.

Questionamos, então, por qual motivo se tem tanta aversão às coisas diferentes, aversão àquilo que foge aos padrões? A partir de Tomaz Tadeu da Silva (2000), que “a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação que adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2000, p.78).

Em sua complexidade, percebemos que a sociedade está ancorada na cultura da estigmatização e repreensão àqueles que escolhem voltar-se, mediante preceitos ditos como normais, com a proposta de normalizar o anormal e trazer assim inclusão, em todas as ramificações que configuram a sociedade, para aqueles que hoje ainda se encontram como marginais, mas que, cada vez mais, conseguem seu espaço; com isso, torna-se mais importante discutir sobre as formas de desconstruir e normalizar as práticas que rompem os limites estabelecidos, adotando ainda mais o multiculturalismo, calcado nas ideias de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.73), em que se configuram em “apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”.

Almeida, Rios e Parker (2004) trazem consigo esta proposta, pois, apresentando o ponto de vista daqueles que sofrem com a repressão, torna-se mais fácil ater-se às dificuldades que enfrentam em todos os campos sociais, ao exporem algumas das vivências expressas por jovens homossexuais, a partir de alguns depoimentos.

A indiferença dos dirigentes e professores, a falta de preparo para tratarem algumas situações pontuadas como irrelevantes e a falta de apoio ao jovem, o qual se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos. Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois corre risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e de escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 22).

Os autores Almeida, Rios e Parker (2004) denunciam a exclusão e falta de respeito da sociedade para com quem faz escolhas diferentes; assim, utilizam os relatos contidos em seu livro para mostrarem a realidade dura de milhares de adolescentes que não têm a devida atenção e que são colocados à margem, por não seguirem os padrões heteronormativos, impostos socialmente, muitas vezes perdendo direitos simples como a segurança e a educação.

Porém, apesar de toda a intolerância que sofrem vindo da sociedade, que carrega uma visão sociocultural heteronormativa e que não lhes concerne a priori benefício algum, alguns jovens continuam lutando com a perspectiva de que, um dia, o mundo melhore e as diferenças sejam insignificantes ou até mesmo nulas, que os indivíduos possam gozar de suas sexualidades, sem sofrer repressão, sem serem estigmatizados, por terem escolhas diferentes daquelas tratadas como comuns, ou melhor, estabelecidas como um padrão a ser cumprido por todos e todas. Esse otimismo, em relação a uma sociedade justa, menos preconceituosa e a favor das diferenças, pode ser visto nas palavras de um dos jovens que, em seu relato, diz que:

Repressão, creio que já deva ter sentido várias, muitas, mas resisti a todas. Como falei com os meus pais, não há dor ou vergonha no mundo que não passe. Então, as deles terão de passar. Vou ser o que eu quero para a minha vida e não vou permitir viver do jeito que eles queiram que eu viva. Sou homossexual assumidíssimo, pago os dívidos da vida por isso, mas creio que um dia, muito em breve, essa luta acabará e que as pessoas aprenderão a conviver com as diferenças, inclusive com a homossexualidade - Fabio, ativista gay, 20 anos (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 6).

Para que se possa vencer as barreiras que configuram a diferença como um fator predominante, no que tange o estigma às diferentes sexualidades, devem-se adotar estratégias para sanar as necessidades das pessoas; é necessário usar um arcabouço de utensílios especiais, pois “esse tipo de luta requer armas peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas” (LOURO, 2008, p.20), e essas estratégias agem onde há mais carência – quando se trata dos homossexuais – de informação e conhecimento que se têm em relação a esse grupo.

Nessa perspectiva, diversos materiais já foram produzidos com a proposta de mudar essa realidade e trazer informações que possam ser disponibilizadas a todos e todas. Um exemplo disso são as discussões acerca dos temas feitos em novelas de canais de TV, intervenções que são feitas há alguns anos. Tendo em vista esse ponto, em específico a disseminação de informações em meios de comunicação, apresentamos o livro da autora Suplicy (1994), intitulado *Conversando sobre sexo*:

Quadro-síntese 11: Livro: SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. 19 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autora do livro e do capítulo: Marta Suplicy.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1994.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>A abordagem do capítulo é de perspectiva psicossocial e biomédica sobre a homossexualidade.</p>

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO	CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>É uma obra ilustrada que apresenta cartas tiradas do fichário do programa TV Mulher, onde Marta Suplicy tinha um quadro de apresentação diária, o Comportamento Sexual na década de 1980. O livro é subdividido em 24 capítulos que relatam sobre assuntos que vão desde como conversar sobre sexo, passando por todas as etapas do desenvolvimento humano apresentando características de cada fase: doenças, drogas e disfunções, parafilias, métodos contraceptivos, sexualidade da pessoa deficiente e da terceira idade, até o seu encerramento falando sobre o Amor. A autora, no decorrer das descrições do assunto, passa algumas informações importantes, como o Disk deficiência, o COAS, dicas de outros livros e vários depoimentos de pessoas com “problemas” na área da sexualidade, bem como Instituições que trabalham na área, como a Semina. É falado também a respeito dos hormônios que atuam no desenvolvimento da sexualidade humana e como eles atuam em cada período do desenvolvimento da pessoa.</p>	<p>O capítulo fala diretamente e explicitamente sobre o tema homossexualidade, em que cada seção do capítulo traz cartas de pessoas buscando orientações acerca de sua sexualidade e vivências sexuais. A autora dialoga com essas cartas considerando uma perspectiva psicológica e biomédica da homossexualidade. Por vezes, percebemos nos discursos tanto das cartas quanto do referencial teórico que a autora nos mostra a presença da moralidade e religiosidade, como instrumentos de regulação da homossexualidade. É falado, também, sobre homofobia, tendo exemplificação de um caso.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>O capítulo não traz proposições metodológicas para o assunto no campo da educação.</p>	

Em 1980, Marta Suplicy apresentava um quadro no programa TV Mulher, chamado Comportamento Sexual, transmitido naquele período, pela Rede Globo de Comunicações, e que era dedicado às mulheres. O quadro possuía uma audiência média diária de dois milhões de telespectadores, tornando-se um dos mais conhecidos programas da emissora. Entre os temas, estavam a gravidez na adolescência, orgasmo, impotência e impulso sexual. Marta Suplicy também enfrentou o conservadorismo e defendeu abertamente assuntos controversos, como a emancipação e os direitos da mulher, o aborto, os movimentos feministas e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis (LGBT). Com um viés educacional, o programa tinha a proposta de nortear e orientar aqueles que relatavam sobre as suas

experiências e dúvidas em relação à expressão de sua sexualidade.

A psicóloga analisa, de forma explícita, o conteúdo da sexualidade em seu livro, sendo este, composto por depoimentos de pessoas que possuem dúvidas em relação à sua sexualidade na complexidade de suas vidas pessoais, dúvidas estas muitas vezes advindas pela ausência de diálogos sobre o tema, nas instituições familiares, e o acultramento de valores singulares.

A forma como cada um age e pensa nem sempre é respeitada, principalmente as diferenças individuais. Assim, as dúvidas em relação a si próprio/a ficam sufocadas e se tornam cada vez mais difíceis de expressar; por esse motivo, procuram orientação a respeito de suas experiências na visão e concepção da autora Marta Suplicy (1994) que dialoga com as cartas, enviadas pelas/os telespectadoras/es, e apresenta possíveis formas de ajudar a sanar as interrogações que permeiam os pensamentos dessas/desses. Marta, apresentava possíveis medidas interventivas que são comentadas no programa de TV.

As discussões contidas na narrativa da autora têm um caráter instrutivo, pois esclarecem várias dúvidas a respeito da sexualidade, uma vez que a autora quase sempre fundamenta sua preleção com vertentes que se aproximam da psicanálise, para tentar desvendar a relação de causa e efeito dos impactos que a expressão (muitas vezes frustrada) da sexualidade de seus ouvinte se materializara em divergências e dúvidas sobre suas próprias identidades, criando assim visões e atribuições distorcidas em virtude do pouco – ou até nenhum – diálogo sobre a sexualidade, como algo primordial na construção de sua persona. E isso é marcante, como podemos observar em um trecho de uma das cartas enviadas para a análise:

[...] Eu por toda a vida senti e sinto um desejo incontrolável pelo mesmo sexo. Seria alguma degeneração moral, física psíquica? Sinceramente até aqui ainda não obtive uma resposta, nem mesmo algo que me desse uma visão do que está errado ou não. A única coisa que sei é que, por muito tempo, fui encorajada a pensar e a sentir como se tudo fosse normal. Até que percebi que algo estava errado, é que o afago do 1º namorado ao invés de trazer aquele prazer sonhado e por vezes comentado entre as amiguinhas não me dizia nada, a única coisa que trazia eram mil questões sem respostas. E o pior de tudo, a marginalização, pelos pseudos

amigos e pela própria família. Nesta altura percebi que algo estava errado, mas aonde e o que? Não sabia e não sei. Sabe cara amiga, a pior coisa que fiz sobre esse assunto, foi pedir um conselho para minha mãe. A resposta foi algo que além de agredir me marcou para o resto da vida. “Você é uma Tarada” e o que precisa não é de um médico, mas sim de uma boa surra, a surra veio com hematomas e tudo o mais. Daí, cara Marta, começou a caminhada solitária e dolorosa, marcada pela palavra Tarada, seria eu um ser maníaco? Então, 1º um clínico geral, daí para um psiquiatra, psicólogo etc. E em meio a este calvário encontro meu marido, apaixono-me e faço a minha escolha, e opto pelo casamento, uma família, a qual graças a Deus é maravilhosa. Mas minha Cara Amiga, eu estou dissonante com toda essa harmonia, não me enquadro nesta maravilha, porque e mim arde toda a ânsia todo desejo extra. O neurologista com quem trato-me, disse-me para não pensar no que sinto como um problema e sim uma condição de vida, e mais, que a vida é feita de momentos e para eu vivê-los intensamente, porque o amor não tem explicação, seja ele de que tipo for, dentro ou fora do casamento, tudo isto depois de eu ter conversado por vários meses com uma psicóloga da equipe dele e o pior, estarmos nos envolvendo. Sabe minha amiga, o que mais me atormenta e confunde é que eu sinto prazer com o meu marido e é bom, mas quando tenho relações com outra mulher este prazer se redobra e realmente a plenitude é a paz. COMO PODE? O que realmente estou pedindo cara amiga é socorro, se possível me ajude a chegar a uma definição concreta. Teria razão o Doutor no que disse? Força para lutar creio ainda ter, mas se esta luta for inútil diga-me. Seja sincera comigo. Cara Marta esperando contar com a sua atenção, antecipadamente agradeço por tudo. Maria do Carmo (SUPLICY, 1994, p. 263, p. 264, p. 265).

Tendo como aporte teórico a perspectiva freudiana e em resposta aos conflitos internos dessa telespectadora, a autora Marta Suplicy (1994) analisa de maneira sistemática o texto, bem como as impressões que não são ditas, mas que a mesma foi capaz de identificar na essência do texto; vale ressaltar que Marta se utiliza da psicanálise e faz a arguição do texto em uma visão psicológica e, por meio dos artifícios da psicologia, propõe uma possível solução aos anseios da telespectadora. A autora do livro esclarece as divergências que sofre uma pessoa que se encontra perdida em meio aos próprios conflitos internos e que ainda se recusa permitir viver a própria verdade, uma vez que está ancorada em um conjunto

de valores pré-estabelecidos socialmente e na família. Desse modo, a categoria homossexualidade na visão psicológica é muito forte nesse livro:

A homossexualidade é parte da personalidade do indivíduo, cresce e se desenvolve com ele, sendo ou não assumida ou expressa abertamente. Geralmente o homossexual reconhece a realidade emocional e sexual da sua orientação. Frequentemente ele luta contra este desejo, sente medo dele, da frustração que causará aos pais, e da pressão que sofrerá da sociedade. Muitas vezes casa para esconder o que lhe é penoso, difícil de enfrentar (SUPLICY, 1994, p.268).

Apesar do programa ter tratado abertamente sobre o tema da homossexualidade, não recebia apenas cartas de pessoas que estavam com dúvidas em relação a sua sexualidade. Marta Suplicy sofreu várias denúncias e reclamações por parte de pessoas que não queriam que aqueles assuntos fossem falados, principalmente num programa de TV.

As proposições impostas nas narrativas dos/as telespectadores/as atentam para as ideias heteronormativas, calcadas na ideia de reprodução, de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filha/o). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável, por parte de todos os membros da sociedade, com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais. (FOSTER, 2001, p. 19).

Tendo em vista uma realidade política heteronormativa, percebe-se que isso remete aos dispositivos da sexualidade, onde aquela se dá, por “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos. (FOUCAULT, 2015, p. 70).

A expressão da sexualidade é algo que está intrínseco ao ser humano, principalmente na fase da adolescência. É quando os hormônios estão mais a florados, quando as múltiplas identificações que envolvem a aceitação ou não da própria imagem corporal acontece; é quando acontece o desejo pelo outro, como elemento de amor ou desejo, do encontrar-se e das relações com os familiares e demais grupos ou instituições. É o momento em que os adolescentes estão cheios de dúvidas e sedentos por respostas, o que muitas vezes lhes são omitidas.

Compreende-se a sexualidade como uma dimensão fundamental de todas as etapas da vida de mulheres e homens, pois envolvem práticas e desejos relacionados à satisfação, ao prazer, aos sentimentos, e à saúde. É um componente trivial do ser humano, superando o aspecto biológico, revelando-se também como um fenômeno psicológico e social, influenciado pelas crenças, valores pessoais, familiares, normas morais e tabus da sociedade. Na adolescência, configura-se como um elemento que contribui para a formação da identidade do adolescente.

No entanto, ainda hoje, abordar sobre o tema da sexualidade é, por vezes, delicado e difícil, está obscuro nas entrelinhas dos discursos empreendidos entre alguns pais, mães, filhas e filhos. Observa-se que pais e mães deixam essa responsabilidade para os educadores e educadoras, que diante dessa realidade são forçados a discutir o assunto, mesmo sem estarem preparados/as, uma vez que o tema sexualidade ainda é velado no contexto escolar e encontra-se cercado de mistérios e tabus, dificultando com isso o diálogo.

O livro *Sexualidade prazer me conhecer*, em que fora analisado apenas um capítulo que abordava o objeto de estudo da pesquisa. Com proposta problematizadora sobre os temas da sexualidade, objetivando informar adolescentes, jovens, adultos e professores sobre a importância de tratar esses temas, de maneira responsável, utilizando as epistemes de diversas áreas para dar suporte a um debate inteligível, necessário entre os mesmos, amenizando e desmitificando, assim, as barreiras do preconceito e da desinformação sobre os conceitos, muitas vezes calcados em valores morais, dentro dos diversos grupos sociais, seja ele o ambiente familiar ou escolar.

A sexualidade constitui-se de um constructo histórico, cultural e social. Com isso, pode-se considerar que se configura como uma categoria de análise mais ampla, que considera os referenciais de classe, gênero, raça, etnia e diversidade sexual, bem como as relações de poder, os aspectos históricos, políticos, econômicos, éticos, étnicos, religiosos e sociais. A sexualidade também compreende os conceitos de linguagem, corpo e cultura; assim como outros saberes, não é dada ou natural, mas sim construída pelas sociedades ao longo dos anos.

Nas discussões sobre sexualidade existe também uma ampla variedade de concepções. Alguns referenciais, principalmente os provenientes da psicologia e psicanálise, podem conferir o entendimento da sexualidade como energia vital ou como sentimentos e comportamentos e, não raras vezes, trabalham com dinâmicas de grupo e atividades de cunho psicologizante nas escolas.

Com a mesma perspectiva de inserção de temas sensíveis nos mais diversos campos de atuação, a autora Marta Suplicy (1994), sendo uma educadora sexual, como mencionado neste texto, teve sua participação na mídia, onde trazia uma proposta maior do que só falar sobre sexo, pois, enquanto sexóloga na televisão, cumpria um papel social necessário de educadora em um período de transição para o país, no que se refere aos valores, à cultura, à sociedade ou à política, os quais se emaranham neste tema.


Desta maneira, sua atuação se estabeleceu como oportunidade histórica em ser uma das primeiras mulheres a falar de sexualidade educacional na TV, objetivando informar, mas também conscientizar mulheres e homens sobre a liberalização de seus papéis quanto ao amar e assumir identidades próprias; libertarem-se afetivamente e economicamente, sem se preocuparem com status sociais, renda e poder.

Neste cenário, trouxemos à baila mais um livro desta autora. Esse livro é fruto de um grupo de pesquisa, intitulado Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), que atuou em um Projeto de Orientação Sexual, de 1989 a 1992, junto à Rede Municipal de Ensino de São Paulo. A produção teve o intuito de fazer os indivíduos visualizarem como a orientação sexual, dentro

das escolas, é apenas um complemento, pois a mesma deve se iniciar dentro de casa pelas famílias.

Por isso, este trabalho serve de material e análise para professoras e professores, a fim de que consigam refletir e propor intervenções pedagógicas para a disseminação desses conhecimentos, dentro e fora de sala de aula, além de instigar alunas e alunos a pesquisarem e discutirem de maneira ética e organizada esses temas tão sensíveis/emergentes e, muitas vezes, tratados como tabu dentro das instituições de ensino.

Quadro-síntese 12: Livro: SUPPLY, Marta. Sexo se aprende na escola. 2ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autora do livro e do capítulo: Marta Suplicy.</p> <p>Título do capítulo: Homossexualidade.</p> <p>Ano de publicação: 1999.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O livro traz uma perspectiva psicológica sobre a homossexualidade e com proposições para uma educação para a diversidade.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>Este livro nasceu da atuação do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, de 1989 a 1992, junto à rede municipal de ensino de São Paulo. A obra tem o objetivo de mostrar que a Orientação Sexual nas escolas é um complemento para a Educação Sexual que, a princípio e segundo a autora, deve ser iniciada nas famílias. É dedicado, também, aos professores, a fim de que possam refletir e propor ações didático-pedagógicas que fomentem o debate e o entendimento sobre o tema da homossexualidade.</p>		<p>A homossexualidade é apresentada de forma histórico-social como expressividade da sexualidade.</p>

PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

As proposições pedagógicas que sugerem os objetivos do capítulo são de compreender como o/a professor/professora aborda o tema da Sexualidade, de forma a oferecer alguns subsídios teóricos que o auxiliem na organização de estratégias para trabalhar com o assunto, discutindo, também, encaminhamentos metodológicos possíveis para além da sala de aula. A autora traz uma sugestão didática a ser trabalhada com adolescentes no sentido de que eles/elas compreendam a existência da diversidade e aprendam a respeitá-la e conviver com ela.

Mediante concepção da autora, pode-se compreender que a sexualidade, inerente aos sujeitos, está presente na sociedade e nas diversas instituições sociais, dentre essas, a escola. Como é observado a partir do quadro síntese 4, vê-se que, apesar de trazer em seu conteúdo uma perspectiva psicológica, seguindo os atos do ofício, Suplicy (1999), em suas obras, tenta de diversas maneiras romper o paradigma que ainda existe no ambiente escolar quando se trata de assuntos relacionados à sexualidade. De acordo com Louro (1998), “para que se compreenda o lugar e as relações de mulheres e homens numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”, e o ambiente escolar se constitui em um contexto propício, não só para a propagação de concepções sociais fundamentadas em referenciais hegemônicos, mas também das ali produzidas, que promovem as diferenças como produtoras de desigualdades sociais. (LOURO, 1998, p. 21).

A partir dessa concepção, pode-se, também, compreender que a sexualidade, inerente aos sujeitos, está presente na sociedade e nas diversas instituições sociais, dentre essas, a escola. Numa perspectiva foucaultiana, um elemento determinante para uma análise mais crítica dessas relações é o conceito de poder como relação, difuso, cambiante e pulverizado na sociedade e nas instituições disciplinadoras e normalizantes, como por exemplo a própria escola. De acordo com Louro (2000), a escola reflete e reproduz as concepções sociais de gênero e sexualidade, mas também as produz: “Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando

(e constituindo) as sexualidades dos sujeitos” (LOURO, 2000, p. 81).

O ambiente escolar daquela época, no que concerne a convivência de diversos grupos humanos, tendo em vista as mudanças sociais, evidencia o surgimento de conflitos de ideias, no que se refere à pluralidade e multiplicidade de relações interpessoais na escola. Em relação às sexualidades e às relações entre os gêneros, as discussões presentes nos contextos da escola sejam talvez as mais polêmicas e difíceis, por envolverem não só conceitos científicos diversos, como também aqueles imbricados em dogmas religiosos, senso comum, preconceitos e discriminações, muitas vezes calcados em valores sociais e morais que, aliados a uma formação inicial e continuada incipiente de professores e professoras, geram a apropriação e aplicação de um currículo escolar que ignora e/ou trata com superficialidade e preconceito o assunto.

Tendo em vista esse cenário, medidas precisariam ser tomadas para que mudanças substanciais acontecessem. Nesse sentido, a autora direciona totalmente as discussões, no livro, para alunas e alunos que carecem de orientações em relação a sua sexualidade, seja ela homo, bi ou trans. Com isso, a autora propõe primeiramente que professores/professoras busquem (re)construir conhecimentos; a autora comenta que:

Para nos orientarmos e assim diminuir nossas ideias preconceituosas, primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, precisamos olhar com outros olhos o aluno e a aluna quanto a comportamentos ligados ao seu gênero (masculino ou feminino). Por último, é importante conhecer um pouco mais o mundo homossexual, para desmistificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos (SUPLICY,1999, p. 69).

Ao considerar a escola, um espaço social privilegiado para a discussão dos conhecimentos históricos, socialmente produzidos, sobre uma ótica padronizada, esclarece que as diferenças estão presentes no mundo e é, a partir delas, que se constituem as identidades das diferentes pessoas, dos diferentes grupos humanos, e da forma como se apresentam na sociedade. Ainda nesse contexto, faz uma reflexão muito interessante, porque traz para mais próximos dos alunos, sobretudo crianças, a possibilidade de tratar de assuntos

relacionados a sua sexualidade, dentro de sala de aula, por meio de dinâmicas de grupo; menciona que:

A infância é momento de circular com maior desenvoltura pelo mundo masculino e feminino. Falando desta questão com adolescentes, o importante é que o professor dê a eles espaço para expor e trocar ideias, refletir sobre o tema, reconhecer e tentar eliminar tabus e preconceitos, à luz de informações científicas atuais (SUPLICY,1999, p. 72).

Ainda discute a possibilidade de atividades de grupo, sendo elas, apresentar um texto com conteúdo relacionado à homossexualidade e, após a leitura, que respondam a uma atividade, para que, a partir dela, se iniciem discussões, o que serve para tentar incentivar e encorajar alunas e alunos a se posicionarem e apresentarem suas dúvidas em relação a sua sexualidade:

Após a discussão nos subgrupos, a partir das conclusões que eles levantarem, será possível ampliar o debate, problematizando sobre essas questões e suas respostas, não para chegar a conclusões definitivas, mas para explicitar melhor os preconceitos e poder combatê-los. É importante que os alunos saibam que não há conclusão definitiva sobre a gênese da homossexualidade, que as teorias existentes não abarcam a amplitude do fenômeno e que a compreensão e aceitação da homossexualidade como expressão da sexualidade vêm avançando continuamente na sociedade moderna (SUPLICY,1999, p. 73-74).

Seguindo as perspectivas das discussões do tema da sexualidade, notamos que, desde a Antiguidade, a sexualidade vem gerando polêmicas, mexendo com as diversas sensações e excitando a fantasia das pessoas, associando-as muitas vezes a coisas profanas, impróprias, sujas, proibidas. Apesar da revolução sexual, industrial e a crescente disseminação de informação nos meios de comunicação terem possibilitado mais visibilidade a essa questão – por vezes até contribuindo para uma modificação nas atitudes morais e nas questões ligadas ao sexo e sexualidade – este tema ainda assim continua sendo um tabu.

O entendimento da sexualidade envolve o crescimento global do indivíduo, tanto intelectual quanto físico, afetivo-

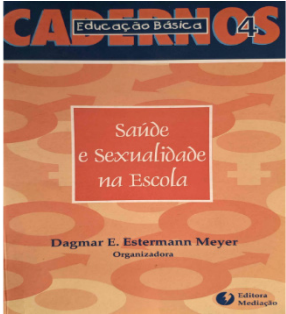
emocional e sexual propriamente dito. A maioria dos pais consideram constrangedor conversar sobre sexo com seus filhos, ora pela orientação moral e a educação recebida de seus pais ora pela repressão ou por não saberem como abordar o tema. Assim, os filhos, na maioria das vezes, ficam sem respostas para suas dúvidas, gerando conflitos ou acidentes inesperados, por terem informações errôneas, ao consultar variadas fontes inapropriadas.

A maioria de crianças e adolescentes passa grande parte de seu tempo na escola, onde começam a se sociabilizar, aflorando sua sexualidade devido ao desenvolvimento corporal, gerado pelos hormônios.

A escola é o ambiente onde a interação com o mundo ao redor e com diversos tipos de corpos e opiniões acontece. Depois do ambiente familiar é a escola que complementa a educação iniciada pela família, em que são abordados temas mais complexos que no dia a dia não são ensinados e aprendidos; então, a escola tem imensa responsabilidade na formação afetiva e emocional de seus alunos. E quanto ao assunto sexo e sexualidade? Qual o papel da escola frente a esse tema? A escola não deve nem vai tomar o lugar da família, mas cabe a ela possibilitar uma aprendizagem correta, já que essa instituição visa à formação integral para a vida em sociedade.

Tendo em vista essas indagações, a autora-organizadora Dagmar Estermann Meyer (1998), em conjunto com outras autoras, dentre elas, Guacira Lopes Louro (que conta com um capítulo a ser analisado nesta pesquisa) escreveram esse livro, cujo conteúdo busca refletir sobre o que vem sendo entendido na escola como saúde e sexualidade? A que conceito de cidadania se vincula o direito à educação e à saúde de que tratam hoje os currículos e programas? Essas e outras questões subjazem aos textos que compõem este livro.

Quadro-síntese 13: Livro: MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 1988.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autoras do livro: Dagmar E. Estermann Meyer, Maria Isabel H. Dalla Zen, Maria Luisa M. De Freitas Xavier.</p> <p>Autora do capítulo: Guacira Lopes Louro.</p> <p>Título do capítulo: Sexualidade, lições da escola.</p> <p>Ano de publicação: 1998.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O capítulo apresenta uma perspectiva sociocultural sobre a sexualidade.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>A autora do capítulo discute o tema da Sexualidade, refletindo sobre alguns documentos normativos e de abordagem prescritiva (PCN e DCE), os quais indica como elementos de políticas públicas educacionais. Explora o conceito de sexualidade numa perspectiva sócio-histórico e cultural, além de discutir o tema no currículo escolar. Compreende que esta temática é evidenciada epistemologicamente, teórico-metodológica e pedagogicamente do tema Sexualidade, apontando sugestões didático-pedagógicas dos diferentes saberes. Drogas, violência, sexualidade são assuntos polêmicos nas escolas de hoje. Apesar da sua importância, muitos professores não os consideram de sua responsabilidade. Mas como educar jovens, sem compreendê-los ou levar em conta tais aspectos? Essa é a discussão presente neste caderno. O tema perpassa todas as áreas do currículo, apresentando reflexões teóricas e experiências pedagógicas de especialistas na área.</p>		<p>O capítulo não aborda, especificamente, a homossexualidade; no entanto, nos mostra uma visão sociocultural sobre a homossexualidade, além de apresentar visões sobre homofobia e falar sobre Educação Sexista/homofóbica.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<p>O capítulo não traz proposições pedagógicas, mas abre reflexões para uma educação para a diversidade.</p>		

A escola é o espaço apropriado por excelência para que se cumpram as funções da educação e da aprendizagem dos conhecimentos das artes, ciências e tecnologia, assim destina-se a subsidiar a prática pedagógica sobre a educação em sexualidade, saúde e prevenções. Os materiais didáticos e paradidáticos auxiliam na discussão e reflexão mais profundas, em relação à temática, e possibilitam trabalhar a saúde sexual e a saúde reprodutiva, em termos mais abrangentes, propiciando aprendizado, não só na aquisição de conteúdo, mas também nas relações, atitudes e desenvolvimento da autonomia, na tomada de decisão, comunicação e negociação, para a redução de riscos em relação à infecção pelo HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST, ao uso do álcool e outras drogas, nas situações de violência, dentre outros. Louro, em sua discussão no capítulo desta obra, destaca que:

É forçoso reconhecer, nessas e em outras situações, que escola lida com seus alunos e alunas como se esses/as não tivessem qualquer conhecimento sobre sexualidade. Os discursos dominantes afirmam a inocência das crianças e jovens e a conveniência de manter essa inocência (MEYER et al., 1998, p. 93).

Mas, apesar das diversas mudanças e transformações sociais e culturais, a sociedade e uma grande parte do corpo docente ainda preferem ignorar os temas voltados para a sexualidade, o gênero, o corpo como um objeto cultural, deixando no obscurantismo muitos alunos que carecem dessas informações. O corpo parece ter ficado fora da escola, ao longo da história. Essa é, usualmente, a primeira impressão que se tem diante de algumas consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação de docentes. E talvez isso não seja uma surpresa, uma vez que a formação docente opera, em sua grande maioria, no contexto filosófico do dualismo ocidental, levando a operar, em princípio, com a noção de uma separação entre corpo e mente. É como se professoras e professores, ao entrarem em sala de aula, estivessem apenas com a mente presente, como se fossem todos “espíritos descorporificados” (HOOKS, 2013, p. 115). Porém, a professora Guacira Lopes Louro (2008) nos deixa a seguinte reflexão:

Por outro lado, a história da educação nos mostra que tudo isso está muito longe da verdade: a preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas. O disciplinamento dos corpos acompanhou, historicamente, o disciplinamento das mentes. Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres (LOURO, 2008, p.60).

Num contexto marcado por transformações de cunho histórico-social no campo educacional, onde o disciplinamento do corpo ainda é vivenciado, inclusive nos espaços escolares, temos boas novas, apesar de temas ainda “sensíveis” para a sociedade, como afirma Louro (2008), ao considerar que as transformações histórico-culturais se apresentam mais visíveis, pois

Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais (LOURO, 2008, p.19).

Dentro das discussões trazidas no conteúdo do livro, o capítulo debate a exploração em relação ao conceito de sexualidade, numa perspectiva sócio-histórico-cultural, além de discutir o tema no currículo escolar; tenta fazer com que seus leitores compreendam que esta temática é evidenciada epistemologicamente, teórico-metodologicamente e pedagogicamente do tema sexualidade. Assim, é importante compreender a constituição da sexualidade em duas alçadas sociais distintas: a pessoal e a privada, na qual “a escola como um espaço social de formação, voltado para a vida coletiva, entende que cabe exclusivamente à família se ocupar da educação sexual das crianças e jovens” (MAYER et al., 1998, p. 87).

O capítulo aponta sugestões didático-pedagógicas dos diferentes saberes. Drogas, violência, sexualidade são assuntos polêmicos nas escolas de hoje. Apesar da sua importância, alguns professores não os consideram de sua responsabilidade, como tema

a ser abordado didaticamente em sala de aula. Mas como educar jovens, sem compreendê-los ou levar em conta tais aspectos? Essa é a discussão presente neste capítulo do livro. O tema perpassa todas as áreas do currículo, apresentando reflexões teóricas e experiências pedagógicas de especialistas na área, contribuindo assim para uma educação para a diversidade.

Nessa direção, a escola precisa compreender sua função social como promotora para a formação integral do sujeito, corroborando para que sejam entendidos os significados conceituais, atitudinais e procedimentais que o apoie na (re)construção de sentidos, valorizando a convivência consigo e com os outros, afirmando sua autonomia e estabelecendo respeito, valores, ao exercer sua liberdade; logo, são construções que se instituem no âmbito da escola e que excedem seus muros, permitindo que os conhecimentos adquiridos melhorem sua atuação na vida cotidiana.

Portanto, o tema da sexualidade, não deve ser impulsionado/debatido na escola por pressão dos meios midiáticos, mas por ser um conteúdo essencial para a constituição do ser integral (corpo e mente). Professores e professoras devem estar atentos a sua formação continuada, para que analisem criticamente os conteúdos postos na educação para diversidade, no intuito de desmitificarem a concepção psicologizante e biomédica, na qual a educação sexual foi firmada, analisando profundamente as bases edificadas nos programas educacionais, quando abordam gênero e sexualidade, aos critérios que são tomados para o estabelecimento de fronteiras entre saúde/doença, normal/anormal, permitido/proibido; atentos para o fato de que tudo em educação é intencional, mas que defendemos uma prática educativa emancipatória, crítica reflexiva que respeite a diversidade dos sujeitos, no que tange a formação de identidades sexuais e de gênero (MEYER, 1998).

Contudo, apesar de não tratar como centralidade discursiva o tema da homossexualidade, o livro possui discussões bastante pertinentes no campo da educação. Possui em seu conteúdo uma tentativa de desconstruir valores morais estabelecidos, quebrar barreiras que ainda impedem que pais e professores tratem de forma mais aberta o tema da sexualidade e suas diferentes denominações.

Já a Fundação Roberto Marinho produziu um livro chamado

Sexualidade: prazer em conhecer, catalogado na escola Liceu, que traz um capítulo do Marcos Ribeiro (2001), intitulado Diferentes Formas de Amar: diversidade e orientação sexual. O texto apresenta um posicionamento psicossocial sobre o tema da Sexualidade, ao falar especificamente sobre a homossexualidade; a visão sociocultural e a psicológica predominam. Com proposta problematizadora sobre os temas da sexualidade, objetivando informar adolescentes, jovens, adultos e professores sobre a importância de tratar esses temas de maneira responsável, utilizando as epistemologias de diversas áreas, para dar suporte a um debate inteligível necessário entre os mesmos, amenizando e desmitificando, assim, barreiras do preconceito e da desinformação sobre os conceitos, muitas vezes calcados em valores morais, dentro dos diversos grupos sociais, seja no ambiente familiar ou escolar. Vejamos:


homossexualidade na visão psicológica (grifo meu): É comum na adolescência surgir a dúvida: sou ou não homossexual? Muitos adolescentes experimentam algum tipo de atração e até mesmo de experiência sexual com pessoas do mesmo sexo. Na maioria das vezes, trata-se apenas de uma forma de descoberta da sexualidade. Somente na idade adulta podemos saber se a nossa orientação é homossexual ou heterossexual. Muitas vezes, a atração por uma pessoa do mesmo sexo, geralmente mais velha, tem mais o caráter de admiração de um modelo do que de atração sexual (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176).

homossexualidade na visão sociocultural (grifo meu): O princípio básico para acabar com o preconceito contra a homossexualidade é entender que as noções de sexualidade feminina e sexualidade masculina não são instintivas, mas construções sociais. Os gregos antigos, por exemplo, cultivavam a relação homossexual e acreditavam que esta era muito mais nobre do que o relacionamento entre homem e mulher. Era esperado que um grego da alta sociedade se apaixonasse por um rapaz, mas não que fosse apaixonado por sua esposa (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 176).

É interessante perceber que essa fundação é mantida pelo Grupo Globo de Comunicação. O mesmo grupo que produz novelas, jornais e demais programas de entretenimento, dentro de uma perspectiva, por vezes, machista, misógina, racista e homofóbica.

Reproduzindo estereótipos e estigmas em suas falas, discursos, personagens e condutas.

Quadro-síntese 14: Livro: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Sexualidade prazer em conhecer. Fundação Roberto Marinho, 2001.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Autor do livro: Fundação Roberto Marinho.</p> <p>Título do capítulo: Diferentes formas de amar/ diversidade e orientação sexual.</p> <p>Autor do capítulo: Marcos Ribeiro.</p> <p>Ano de publicação: 2001.</p> <p>Tipologia: Sexualidade.</p>	<p>O capítulo do livro aborda de forma crítica e didática o tema da sexualidade, trazendo indicações para a discussão de gênero e sexualidade na escola.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		CONTEÚDO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE
<p>O capítulo demonstra a importância da centralidade do professor, como mediador, para desmistificar o entendimento sobre homossexualidade. Aborda uma perspectiva da educação para a diversidade e para a pluralidade, como um direito fundamental, chamando a atenção para a sexualidade como um processo de construção social.</p>		<p>O livro problematiza o tema da homossexualidade, de forma explícita e direta, realizando diferenciação de conceitos e abordando detalhadamente a relação entre os conceitos.</p>
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<p>O capítulo realiza um indicativo de proposição pedagógica, fazendo a orientações de temas para serem problematizados na escola por meio de planejamentos sistemáticos.</p>		

De acordo com o Fundação Roberto Marinho (2001), para o/a professor/a entender o que é diversidade, basta observar as/os próprios/as estudantes, eles representam uma população de origem bastante diversificada. Inclusive, nós, professores/as, temos uma história e uma construção identitária e cultural, muito diversificada. Uma observação importante sobre esse capítulo é que ele traz um recorte histórico sobre a homossexualidade feminina, quando se reporta à Ilha de Lesbos, ou seja, sobre a origem do termo lésbicas, visto que, segundo Ribeiro (2001), essa palavra tem um sentido de liberdade e reforça a consciência de luta e resistência entre as pessoas do gênero feminino. É um texto curto, porém carregado de informações que despertam para uma educação para diversidade.

O capítulo possui conteúdo estruturado didaticamente que facilita o entendimento em relação ao tema da sexualidade. Apesar de não usar apenas a homossexualidade como centralidade discursiva, propõe uma visão que agrega conceitos de cunho científico e psicológico, mostrando a importância dos profissionais da educação como mediadores para nortear e desmitologizar os preceitos instituídos pela sociedade, em relação ao tema da sexualidade. O autor, de forma breve, discute algo que, nos dias de hoje ainda gera dúvidas em muitos jovens, no que tange ao sexo e à sexualidade; explica que:

Mas sexo e sexualidade são coisas diferentes. A determinação da sexualidade vai muito além das características físicas de uma pessoa. Ao longo de seu desenvolvimento, as crianças aprendem a se comportar de acordo o que a sociedade - a família, seus amigos, a escola - espera de uma pessoa do seu sexo. Assim, a criança aprende sua identidade de gênero, ou seja, ela passa a se identificar com o gênero masculino ou feminino reproduzindo O comportamento de homens e mulheres à sua volta (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177).

Em suma, sexo é o conjunto de características anatômicas e fisiológicas. Sexualidade é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001).

Atualmente, para os jovens e adolescentes se torna imprescindível o conhecimento sobre o funcionamento do corpo,

no que se refere à anatomia e fisiologia. Torna-se uma busca interessante e necessária, já que os relacionamentos afloram nessa faixa de idade, aumentando a curiosidade sobre assuntos relativos a menstruação, concepção, gravidez, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Porém, o que o capítulo nos mostra é que o corpo não é apenas um amontoado de moléculas complexas, “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o invertem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nesse cenário, destaca-se a escola como um ambiente que promove conhecimento, saberes, vivências; local onde os adolescentes, que compõem uma diversidade, em relação às sexualidades, convivem e passam um período considerável do seu dia e, muitas vezes, o único local onde podem expressar suas dúvidas, medos e sentimentos. E, para que as dúvidas sejam sanadas da melhor forma possível, é necessário que os professores estejam atentos e compreendam que essa diversidade necessita de atenção.

No espaço escolar as práticas educativas favorecem reflexões e discussões que ampliam o campo de conhecimento, ao abordarem questões do seu cotidiano, entre elas a sexualidade e as vulnerabilidades dessa fase da vida. Ao considerar a diversidade expressa na sociedade, o autor nos faz pensar, a partir da micro célula desta representação, que é a própria escola, assim

Para entender o que é diversidade, basta observar nossos próprios alunos. Eles representam “uma população de origem bastante diversificada, raças/etnias variadas, culturas diversas. Cada componente de uma sala de aula - inclusive o professor - tem uma história, ou várias: história da raça ou da etnia a que pertence; a história do País ou região de onde veio a sua família. Existem ainda arranjos familiares diferentes, classes sociais, religiões, profissões e estilos de vida e inúmeras outras diferenças que precisam ser valorizadas e respeitadas, pois fazem parte do todo que é a sociedade brasileira. Muitas vezes essa diversidade é marcada pelo preconceito e pela discriminação (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175).

Entretanto, proporcionar educação sexual de forma íntegra, ética e com uma perspectiva cidadã na escola envolve conhecimentos específicos, habilidades didáticas, disponibilidade e afinidade do professor para abordar o assunto. Em outras palavras, envolve um arcabouço de competências. Esses elementos parecem ainda estar regulados, a partir de uma ênfase marcada pelo campo das ciências biológicas e naturais, priorizando ensinamentos que envolvem as questões do corpo e seu funcionamento, mostrando a sua desarticulação com os interesses específicos dos próprios adolescentes.

Por esse motivo, o autor, demonstra a importância da escola como um ambiente que pode encampar debate crítico-reflexivo e (re)elaborar conhecimentos, disseminando-os, a partir de um posicionamento de respeito à diversidade e pluralidade existente na sociedade, assim sugere que se invista em políticas públicas que planejem

[...] cursos regulares de Educação Sexual, cientificamente planejados, ministrados desde a pré-escola, terão um impacto crucial na transformação moral da nossa população. Os cursos devem ensinar, sem hipocrisia e falso moralismo, tudo o que um jovem adulto precisa saber sobre sexo: sua anatomia, sua higiene, prevenção das DST, como evitar abuso e assédio sexual, como impedir a gravidez indesejada, o respeito que todos nós devemos ter em relação à orientação sexual dos outros, como um direito humano fundamental. Além da Educação Sexual científica, urge que o poder público puna exemplarmente os que violam os direitos sexuais alheios: assédio e o abuso sexual, a discriminação baseada no sexo e na orientação sexual (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180).

E, ainda, discute temas recorrentes, como a questão do preconceito, destacando a responsabilidade da escola:

Justamente por abrigar uma amostra preciosa dessa diversidade cultural e étnica, as escolas não podem permitir que se cultivem o preconceito e o desrespeito a si próprio e ao outro. Muito pelo contrário, em função dessa pluralidade tão próxima, é dever da escola contribuir para garantir os direitos fundamentais a todo mundo, inclusive o respeito às diferentes formas de orientação sexual (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 175).

Essas questões ainda são observadas em alguns contextos escolares em que a sexualidade continua sendo trabalhada sob o enfoque do risco, tomando por base a promoção da saúde sexual e prevenção da gestação e de doenças, a partir de práticas educativas que enfocam esse direcionamento. Essas práticas são orientadas por um viés individualista, utilizando abordagens pedagógicas ainda centradas na conscientização do risco e na necessidade de negociar o sexo seguro com o parceiro. Deixam para um segundo plano as necessidades pessoais do adolescente e as questões culturais que fazem parte da sua formação e influenciam o seu comportamento.

Por fim, os livros de Sexualidade analisados, reverberam uma perspectiva sociocultural de enfrentamento à discriminação, buscando apontar pistas para a amenização dessa problemática, por meio do debate sistemático e informativo, respeitando as diferenças e apresentando, à sociedade, possibilidades de interpretação e convivência, ao argumentar conceitos de homofobia na visão daqueles que a sofrem.

Assim, de acordo com os quadro-sínteses, já elaborados na pesquisa, percebemos que as visões sobre a homossexualidade são demonstradas de maneiras distintas, que apresentam os discursos inclusivos e comprometidos em disseminar ideias, inclusive no campo da educação, que ajudem a desenvolver atividades pedagógicas, na busca de compreender que a sexualidade é uma (re)construção do sujeito, portanto é necessário que seja bem planejada e desenvolvida durante todo o período letivo de forma interdisciplinar, rompendo com a rigidez curricular imposta, às vezes, pelas instituições ou até pelos profissionais que não se sentem aptos para o debate do tema.

Dessa forma, analiso o conteúdo dos discursos dos/as autores/as, numa perspectiva inclusiva, que possa permear os diversos espaços sociais, culturais, políticos e econômicos, sobretudo o ambiente escolar, e o mais interessante, sem necessitar de um espaço específico para que o assunto seja tratado; ou seja, rompam-se os limites da teorização e discussão sobre o tema da Sexualidade, que não se limite somente às salas de aula, mas que considere o desenvolvimento humano numa perspectiva ética.

O tema da homofobia em livros de Educação Sexual

O livro, *Por uma educação escolar não sexista*, escrito por Valquíria Alencar de Sousa e Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2003), não problematiza o tema da homossexualidade de forma explícita e direta, portanto, a categoria mais marcante em todo ele é educação para diversidade, o que indica que o texto apresenta propostas pedagógicas a professoras e professores, de modo que esses profissionais da educação compreendam as relações de gênero e invistam em ações para superar a desigualdade no ambiente escolar:

A professora e o professor podem fazer muito para mudar a situação de desigualdade na escola a partir da sua prática pedagógica cotidiana, estimulando meninos e meninas a experimentarem as mesmas atividades, a desenvolverem as mesmas habilidades e a compartilharem suas descobertas, superando as diferenças individuais supostamente baseadas no sexo. Através da educação não-sexista de crianças e jovens, a professora e o professor estarão criando um novo modelo de educação e de sociedade (CARVALHO; SOUSA, 2003, p. 15).

As autoras também discutem, ao longo do texto, as características típicas da figura masculina, tais como a agressividade, competitividade e força; enquanto que as mulheres são tidas como sensíveis, passivas e dependentes. Ou seja, a educação sexista tem sido sistematicamente apontada como um dos obstáculos mais fortes para a construção de uma sociedade democrática, na qual mulheres e homens têm os mesmos direitos, e a equidade de gênero seja a base das relações entre as pessoas. Assim, o livro apresenta a categoria educação sexista/educação homofóbica de forma atuante:

As diferenças de sexo e gênero têm favorecido os homens em detrimento das mulheres. Isto porque as relações de gênero são relações de poder: as diferenças construídas entre homens e mulheres transformam-se em hierarquias, justificadas pela maior valorização das qualidades masculinas, que são atribuídas exclusivamente aos homens (CARVALHO; SOUSA, 2003, p.16).

Dessa forma a educação, tal como é praticada, vem contribuindo para prolongar as divisões sociais que perpetuam a estrutura de poder masculino, pois está cheia de valores e ideias que mostram o mundo masculino como superior ao feminino, um mundo que limita o potencial e a autonomia das mulheres, traduzindo as diferenças em desigualdades sociais, que são reforçadas pelo sistema heteronormativo e patriarcal:

Patriarcado: é o modelo de sociedade baseado na autoridade paterna, na supremacia da figura masculina, daí ser chamada sociedade patriarcal. Segundo a crítica feminista radical, o patriarcado é um sistema social sustentado ideologicamente pela heterossexualidade compulsória, violência masculina, socialização de papéis de gênero. [...] A tradição ocidental patriarcal, um legado de longa data, estabelece um certo padrão de relação entre homens e mulheres, definindo os seus papéis na vida: aos homens, cabem a decisão, a chefia, o poder; às mulheres, cabem o domínio da casa, a educação dos filhos, as tarefas domésticas, o que gera um profundo desequilíbrio na humanidade (CARVALHO; SOUSA, 2003, p. 8, 9 e 10).

As autoras trazem à tona conceitos, discussões e explicações de como a sociedade machista e patriarcal foi formada, citando, por exemplo, os conceitos que serão abordados no livro e fazendo uma pequena definição desses conceitos. Há uma ausência sobre o tema da homofobia, elas optaram por discutir os bilateralismos do masculino/feminino e mulher/homem, não discutindo sobre aspectos relativos à comunidade LGBTQIA+.

A partir desses aspectos, os desafios são vários. Entretanto, Carvalho e Sousa (2003) considera que a educação tem um papel transformador no que diz respeito à contribuição para a igualdade de oportunidades, além de impulsionar o desenvolvimento pessoal de meninos e meninas, homens e mulheres, para a formação de cidadãos e cidadãs.

O capítulo 6, desse livro, apresenta propostas pedagógicas que auxiliam professoras e professores na maneira de dialogar sobre as relações de gênero com alunas e alunos, de acordo com a realidade desses/dessas estudantes (regional, comunitária e escolar), problematizando sempre essas relações de modo a tornar visíveis a

desigualdade e a iniquidade. Entre as propostas, estão o exercício de criatividade, interdisciplinaridade, uso de ilustrações do livro didático, além de textos reflexivos, grupos de debate e pesquisa científica sobre a temática das relações de gênero.

Já, no capítulo do livro *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola*, intitulado *Homossexualidade*, de Rafael Barroso e Cristina Bruschini (2000), é vigente o androcentrismo. Os autores dizem que a homossexualidade feminina (as lésbicas) é quase totalmente ignorada e, possivelmente, como aponta o pesquisador norte-americano Vern Bullough, como consequência do preconceito amplamente difundido que sustenta qualquer tipo de atividade sexual precisar da participação de um pênis; portanto, um envolvimento sexual entre duas mulheres nem sequer é considerado possível; ele é negado. Isto, no fundo, não deixa de ser uma atitude altamente repressiva e sexista, quer entre aqueles povos que toleram a homossexualidade masculina quer entre aqueles que a condenam.

Na verdade, em quase todos os textos analisados, a gente percebe a ausência dessa homossexualidade feminina, pouco ou quase nada se fala sobre as mulheres lésbicas e, quando é falado, é pelas próprias autoras mulheres, como no caso dos livros anteriormente citados.

Esse capítulo de livro, escrito por Barroso e Bruschini (2000), trata explicitamente sobre o tema da homofobia. A autora traz a discussão social sobre a homofobia, mostrando como as pessoas homossexuais são tratadas, explicando a base do preconceito e trazendo no corpo do texto as expressões utilizadas por pessoas homofóbicas, a fim de demonstrar que muito do que falamos cotidianamente reflete a homofobia, às vezes, até “sem querer”. O texto traz a informação de como a homossexualidade passou a ser considerada um desvio de comportamento. Contudo, poderíamos inverter a situação, subverter o pensamento, conforme aponta Guacira Lopes Louro:

Numa investigação que se ocupe da sexualidade, em vez de examinarmos sexualidades ‘desviantes’ em contraposição à heterossexualidade (tomada como padrão), estaríamos interessados em saber como a heterossexualidade se tornou ‘isso’, ou seja,

o padrão de normalidade. Dito de um modo mais contundente: através de que processos a heterossexualidade se tornou ‘natural’? Que discursos permitiram que essa verdade fosse admitida como única, singular e universal? Que discursos foram silenciados neste processo? (LOURO, 2008, p. 241).

Assim, pode-se não pensar como a homossexualidade passou a ser considerada como anormalidade, mas questionar como a masculinidade e a heterossexualidade passaram a ser consideradas um padrão a ser seguido?

Neste mesmo capítulo, o autor e a autora, compreendem que a homofobia é uma relação complexa, expressa pelo meio social em que o indivíduo está inserido, ou seja, demonstra no texto uma visão predominantemente sociocultural; ocorre também que “muitas pessoas, que se presume, por causa de algum detalhe no seu comportamento, ‘poderiam ser’ homossexuais são objetos de pressão e repressão social” (BARROSO; BRUSCHINI, 2000, p. 79).

O capítulo pode ser utilizado por professoras e professores para discutirem a homofobia e a homossexualidade, pois abrange diversos aspectos que permeiam dúvidas cotidianas da população. Há uma preocupação dos autores que fica evidente ao final do texto, em trazer uma contribuição pedagógica aos professores, pois elaboram um questionário para permear as discussões na sala de aula, abordando questões de homofobia e preconceito.

Ênio Pinto (1999), embora não fale diretamente sobre homofobia em seu livro *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*, mostra que, quando um determinado tema é enfatizado com mais detalhes e ideias inclusivas, as pessoas são convencidas a discutirem e pesquisarem sobre. O capítulo é curto, mas cheio de informações que o autor resgata de suas vivências, enquanto professor da disciplina *Orientação Sexual* em determinadas escolas, informando que a realidade de uma turma norteará os caminhos dos estudos, permitindo que alunas e alunos sejam as/os protagonistas. A categoria marcante nesse texto é a educação para diversidade, o que encaixa esse material no hall de livros paradidáticos a serem trabalhados nessa perspectiva da inclusão e respeito às diferenças.

O autor Álvaro Lorencini Júnior, no livro de Júlio Groppa Aquino (1997), intitulado *Sexualidade na escola: alternativas e práticas*, não trata diretamente do tema da homofobia, voltando-se a uma educação sexual de forma mais ampla. O autor relata sobre o sexo e a sexualidade com explicações biológicas, apesar de considerar alguns fatores sociais, portanto percebemos que este livro não contempla a categoria sobre as visões da homofobia no seu discurso.

Claudio Picazio (1998), psicólogo com especialização em Sexualidade, no seu livro *Diferentes Desejos*, responde a questionamentos comuns e proporciona exemplos cotidianos, realizando a delimitação conceitual de preconceito e do que é problema. O livro traz, em forma de texto, perguntas/dúvidas de jovens adolescentes sobre a homossexualidade. As perguntas, carregadas de estigmas a respeito da homossexualidade, são respondidas, visando à educação para diversidade, ratificando a atenção para o preconceito existente entre os jovens, suas famílias e os lugares em que habitam.

De acordo com Picazio (1998), o preconceito contra a homossexualidade esconde a inquietude que muitos heterossexuais sentem em relação a sua própria orientação sexual. Se uma pessoa não tem dúvidas quanto a seu desejo, ela não precisa se defender de outra que tenha desejos diferentes do seu. Uma outra crença também preconceituosa é a de que o homem mais efeminado é sexualmente passivo, reproduzindo um modelo tradicional de relação heterossexual em que um seria a mulher e o outro o homem. Neste caso, o ativo seria heterossexual, o que simplesmente não é verdadeiro. Durante o ato sexual, não importa quem penetre ou seja penetrado, os dois são pessoas que sentem prazer com o mesmo sexo e, conseqüentemente, são ambos homossexuais:

Não é fácil para uma pessoa admitir a sua homossexualidade. Perceber-se sentindo desejo por um igual, em uma sociedade onde isto ainda é visto, no mínimo, como inferioridade, é muito complicado. De repente, a pessoa sente coisas que provavelmente ela mesma condena nos outros. Suas impressões a respeito de si mesma, conjugadas ao preconceito vigente, desvalorizam a si própria, fazendo com que se negue como pessoa e fuja de si mesma, muitas vezes atacando um outro homossexual para, assim, tentar distanciar-se do seu desejo (PICAZIO, 1998, p. 31).

O livro é do final do século XX, porém bastante atual, tanto na condução das respostas, como na apresentação das perguntas e depoimentos. Uma obra que contribui para a construção de uma educação para diversidade e que deveria ser utilizada em sala de aula por profissionais da educação de diferentes saberes. Portanto, a categoria predominante, ao longo de todo o livro, é educação para diversidade, localizada, principalmente, nas respostas do autor. Além de serem muito fortes e presentes as categóricas visões sobre homofobia e educação sexista/educação homofóbica.

Em outro livro de Cláudio Picazio (1988), *Sexo Secreto*: temas polêmicos da sexualidade, notamos que a preocupação com a homofobia não assusta as pessoas homossexuais no espaço externo; muitas/os fogem de casa, porque não encontram, nesta instituição tão importante para o desenvolvimento humano, o acolhimento necessário para permanecer. Nesse livro, há diversos trechos que categorizamos como visões sobre a homofobia, sendo que o autor relata claramente sobre o preconceito e a homofobia:

Na grande maioria das vezes, os homossexuais se distanciam da família por sentirem que ela rejeita o seu desejo. Como decorrência, procuram guetos onde encontrem aceitação e respeito por sua orientação sexual. O mais doloroso para homens e mulheres homossexuais é serem discriminados como se a forma de se relacionarem afetiva e sexualmente estivesse errada. Chegam a acreditar nessa premissa, o que lhes trazem uma dor psíquica imensa, pois a área afetiva e sexual é muito valorizada pela cultura e, conseqüentemente, impõe-se enquanto desejo interno a ser satisfeito (PICAZIO, 1998, p.32).

No trecho abaixo, deve-se ter especial atenção, pois, de maneira sutil, toca em um ponto sensível que adentra aos poucos as escolas, mas permanece adormecido socialmente. Foi realizada uma extensa pesquisa sobre o tema do suicídio na população LGBTQIA+ e relata que:

O suicídio de pessoas LGBTQIA+ é um assunto ainda pouco debatido nas esferas públicas (como na formulação de políticas e pesquisas acadêmicas). Não existem dados e pouco se sabe dessa realidade, mas se sabe que ela é recorrente, que muitas pessoas da sigla já pensaram ou tentaram se matar; muitas conseguiram.

Algumas pesquisas apontam que a suicidabilidade das pessoas LGBTQIA+ pode ser de duas a sete vezes maior que de homens e mulheres heterossexuais; isso quer dizer que não apenas realizem mais tentativas, como também costumam usar modos com maior probabilidade de um resultado fatal (ADORNO; NAGAFUCHI 2016, p.23).

Adorno e Nagafuchi (2016) também consideram o suicídio um processo cultural e social e utilizam na sua pesquisa dos pressupostos foucaultianos. Desse modo, apontam que a discussão do suicídio nesta população deve ser trabalhado pelas políticas públicas e por trabalhos acadêmicos, longe de estruturas normativas e padrões machistas; que este tema deve transcender as discussões formais e se inserir em discussões particulares, pensando no sujeito como um efeito das linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, das enunciações, dos modos de subjetivação, dos modos de endereçamentos, das relações de poder de diferentes tipos – classe, gênero, sexualidade, idade, raça, etnia, geração e cultura, conforme aponta Meyer e Paraíso (2012).

Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade foi escrito há 20 anos e permanece atual para ser trabalhado com professoras e professores, alunas e alunos; não se pode deixar de considerar a necessidade de trabalhar esses temas em sala de aula, mas é perceptível o apagamento de temas como gênero, sexualidade, homofobia, meio ambiente, saúde, educação especial e cultura, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, conseqüentemente, em salas de aula de todo o Brasil.

Nossa perspectiva não é trazer generalizações ou normas universais. Entretanto, estudos na área de currículo apontam o esvaziamento dessas discussões nos próximos anos, enquanto trabalhos acadêmicos e notícias midiáticas surgirem enfatizando a necessidade de se rever os currículos, os livros didáticos, as propostas pedagógicas e a própria sociedade. Ressaltamos que o apagamento das discussões é uma ação elaborada e intencional; assim, cabe questionar a sua intencionalidade e compreender os seus impactos na vida de cada um dos estudantes.

O livro *Juventudes e Sexualidades* de Abromovay, Castro e Silva (2004) prende a atenção, ao chamar para a conversa a temática

da homofobia. Como já mencionado ao longo da pesquisa, a escola acaba por silenciar discriminações/preconceitos para com jovens homossexuais e ainda colabora ativamente na reprodução de tais violências.

É fato que os preconceitos e as discriminações se distanciam de conhecimentos sobre o tema, e muitos atores reconhecem que pouco sabem sobre homossexualidade; mas, por outro lado, várias de suas declarações sugerem sem autocritica expressar seus preconceitos. Segundo Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva (2004, p. 299):

Em todas essas situações de violências envolvendo jovens, chama a atenção a fragilidade desses, que não dispõem de mecanismos que amparem suas queixas e denúncias. Impera, em muitos casos, a “lei do silêncio”, na qual jovens e adultos, por medo, ameaças ou mesmo indiferença, se calam (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 299).

Na escola, as autoras confirmam que, de acordo com a pesquisa apresentada no livro, a discriminação contra alunas/os, considerados homossexuais por parte das/os colegas, ocorre principalmente de forma velada/disfarçada, por meio de referências preconceituosas.

De acordo com depoimentos de alguns diretores e professores, principalmente os meninos têm esse tipo de atitude, como forma de constrangimento e intimidação àqueles que têm uma orientação sexual diferente da sua, ou cuja aparência não se enquadra ao padrão esperado do ser homem. Enquanto alguns consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos, há os que enfatizam que as piadinhas ofendem e partem, frequentemente, dos meninos e rapazes(...) (ABROMOVAY; ASTRO; SILVA, 2004, p. 289).

O capítulo analisado nesse livro expõe as contradições de uma sociedade cujas diferenças regionais são marcantes: embora pareça mais propensa a tratar da sexualidade, não consegue responder aos anseios das/os jovens. A partir dos dados levantados pela pesquisa, realizada pela autora, percebemos a cultura de normalização de atos de violência contra homossexuais. Percebe-

se, também, que as meninas são menos preconceituosas em relação aos meninos, e ainda inferioriza o lesbianismo, dando menor visibilidade para entender a censura social.

As autoras têm uma preocupação em apresentar propostas e reflexões para que professoras e professores possam contribuir em suas práticas pedagógicas, conforme aponta a existência da categoria educação para diversidade:

A recorrência à linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresentam visões de mundo, representações e também a nomeação do Outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar. No caso da escola, em que o verbo é matéria prima, o cuidado com a linguagem, com os discursos de alunos e de professores ganha mais relevância, indicando problemas no objetivo do projeto escolar, de formar mentalidades por parâmetros de igualdade. Vários autores ressaltam tal importância do estudo de linguagens no âmbito escolar, em particular sobre sexualidade (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 286).

Além da intolerância e rejeição ao homossexual, percebemos ideias preconcebidas e estereótipos. O resultado de situações como essa, no espaço escolar, é o abandono dos estudos, ou seja, a evasão escolar. Percebemos, também, nas leituras, o quão de dificuldade alguns professores/ algumas professoras têm para lidar com o assunto da homossexualidade; e outros assumem uma postura de distanciamento. O livro de Miriam Abromovay, Mary Castro e Lorena Silva (2004) confirma essa “situação embaraçosa” de nossos profissionais da educação:

Alguns professores comentam que, apesar de abordarem a questão da homossexualidade pelo lado do respeito humano, é bastante difícil lidar com o assunto, pois os alunos sempre levam para a brincadeira. Já outros assumem uma postura de distanciamento e assim de cumplicidade passiva com a violência contra jovens tidos como homossexuais- cada um é, pode ser como quiser ou como um tema que não é de sua alçada. Dessa forma, omite-se o debate sobre assuntos que são engendrados por preconceitos e discriminações, quando muito pregando uma abstrata tolerância,

em que cada um poderia ser o que quisesse, quando, na prática, não é isso que ocorre (ABROMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 288).

Em todas essas situações de violência, chama a atenção a fragilidade desses que não dispõem de mecanismo que amparem suas queixas e denúncias. Dessa forma, reconhecemos a importância da escola em assumir um papel mais ativo contra as referidas violências, dialogando sobre a homossexualidade com alunos, pais e professores.

Por fim, o livro *Questões desafiadoras na escola: guia prático para professores*, de McLurkin (2015), propõe uma espécie de cartilha prática para professoras e professores, para que estes profissionais possam refletir, junto aos estudantes, a Sexualidade, num sentido de promoção de uma educação para diversidade.

O tema da homofobia em livros de Sexualidade

O livro *Ritos e ditos de jovens gays*, de Almeida, Parker, Rios (2004), mostra de forma mais real os preconceitos e a homofobia presentes na sociedade, pois durante a sua escrita foram sendo colocados diversos depoimentos de pessoas, relatando suas convivências sociais, desejos, decepções, dificuldades, sonhos; comentando sobre a escola, a igreja e a família. Os autores perpassam os mais diversos pontos sobre sexualidade, gênero e homofobia, sem se utilizarem necessariamente da conceituação dos termos. Esse é o documento analisado em que a visão sobre a homofobia é mais presente, e também possui um viés sociocultural.

O livro mostra a realidade difícil e limitada de muitos adolescentes que não têm a devida atenção e são colocados de lado, por não seguirem os padrões heteronormativos, impostos socialmente, muitas vezes perdendo direitos simples como a proteção e a educação. O que nos aponta para a construção da categoria mais marcante no livro, visões sobre homofobia:

Minha mãe não entendia o porquê da minha fuga da escola. Ela sabia que eu era muito inteligente e que aprendia muito mais rápido do que todos os meus irmãos e do que os alunos de sala de

aula. Ela não sabia o que eu passava com os meninos nos pátios e nas filas. No banheiro eu nem ia, pois todos me passavam a mão e ficavam a exhibir a genitália para mim. Os professores faziam algumas piadas e eu servia de referência para as gargalhadas. Me chamavam de nomes de que eu não gostava e nem permitia, mas gritavam em coro e eu morria de vergonha e ódio. A minha maior raiva era que a minha mãe e irmãos, pois eu não tenho pai, me chamavam também dentro de casa dos mesmos nomes que eu era chamado na escola. O meu irmão mais velho me mostrava a genitália e pedia para eu tocá-la com a mão e com a boca. Eu era forçado e fazia. Morria de medo, mas, com o meu irmão, eu estava dentro de casa, mas, na escola, eu ficava apavorado e dizia para as pessoas que eu não era veado, mariquinha, boiola.... Eu não queria ir na escola, mas a minha mãe me obrigava, me batia, me infernizava a vida e eu tinha que ir. Passei a mentir que ia e não ia mais. Ficava perambulando pela rua com os livros e cadernos dentro da minha pasta. Tinha saudades da escola, mas ninguém me defendia lá. Os mais machistas me batiam, e a escola não fazia nada. Saí da escola, minha mãe desistiu de me mandar para lá, e, até hoje, não consegui terminar o meu primeiro grau. Parei na quinta série. Escola para mim era sinônimo de inferno! (Luís, camelô, 19 anos) (ALMEIDA; PARKER; RIOS, 2004, p.24).

O livro ainda apresenta, em seu conteúdo, que se deve adotar estratégias pedagógicas, a fim de sanar as necessidades das pessoas homossexuais, diminuir as barreiras que se configuram com a diferença e com os estigmas direcionados às diferentes formas de amar e viver a sexualidade. Deve-se, portanto, usar um arcabouço de utensílios especiais, pois “esse tipo de luta requer armas peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas” (LOURO, 2008, p.20), e essas estratégias agem onde há mais carência de informação e conhecimento, relacionados a esse grupo, especificamente quando se trata de homossexuais. Portanto, a categoria educação para diversidade é, também, muito presente no texto:

O trabalho de educação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemáticos, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividade, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e jovens, acerca das questões da sexualidade. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e jovem fortalece o trabalho

de educação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família. (ALMEIDA; PARKER; RIOS, 2004, p. 25).

Nessa perspectiva, os autores Almeida, Rios e Parker (2004) realizam uma intervenção em relação à deficiência das entidades em dialogar sobre conteúdo de sexualidade nas escolas, fazendo uma ponte para o conhecimento do corpo, para além dos traços biologicistas – que se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal – a fim de teorizá-lo como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder; assim, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção implicadas em processos que diferenciam mulheres de homens.

Para tal realizam oficinas em diversos pontos, sejam em praças, escolas, boates, bicos ou periferias, onde as conversações servem de abrigo para os que se sentem perdidos, mediante uma trajetória marcada pelo medo, preconceito e repreensão, ou para aqueles jovens que ainda se encontram desamparados e com dúvidas sobre a própria sexualidade.

O trabalho de educação sexual nas escolas implica planejamento e ação pedagógica sistemáticos, o que envolve espaço no currículo escolar. Não se trata de fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividade, mas de abrir o canal para o debate permanente com crianças e jovens acerca das questões da sexualidade. A compreensão dos pais sobre a importância do trabalho com a sexualidade infantil e jovem fortalece o trabalho de educação sexual e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 25).

Os autores alertam para a ineficácia dos trabalhos sobre educação sexual nas escolas. Explicam que tal atividade, muitas vezes, se torna improdutivo, porque geralmente não conta com uma sistematização séria, adequada e contínua, que abranja todos os campos relacionados a essa discussão riquíssima, vasta e diversificada e que, ainda hoje, se encontra com dificuldade para atingir maior relevância.

Contudo, com a metodologia dos encontros, das oficinas para a discussão da sexualidade em vários pontos da cidade e a

utilização de uma linguagem que se aproxima bastante dos jovens, os autores conseguiram reunir diversos adolescentes para disseminar conhecimento em relação à sexualidade, com a proposta de sanar as possíveis dúvidas.

A oficina é um local onde os participantes se sentem seguros e à vontade. Os encontros são sempre uma surpresa, falamos abertamente de nossos anseios e desejos, medos e frustrações, como também de nosso mundo de prazeres e descobertas - Gustavo, 20 anos (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 74).

Essa também é uma forma de promover a interação desse público, na perspectiva de mostrar a eles que não estão sozinhos e que, mesmo evadidos do ambiente escolar, poderão encontrar respostas, em outros lugares, sobre quem são, por meio de um constructo de informações que os norteiam; além do que, as oficinas também disseminavam informações sobre os métodos contraceptivos, visto que, muitos dos jovens que participavam, são garotos de programa ou estavam praticando o intercursos sexual sem a utilização de preservativos.

Trabalhar com jovens não é uma tarefa difícil, chega a ser muito gratificante e prazerosa. Mas o trabalho com jovens homossexuais, nas oficinas de juventude e diversidade sexual e em locais onde se faz prevenção, tem nos mostrado que essa é uma tarefa um pouco complexa, já que eles vivenciam cotidianamente os constrangimentos impostos pela sociedade, diferentes discriminações, medos de serem identificados enquanto homens que fazem sexo com homens no meio onde necessitam sobreviver, incluindo a relação com a família, a escola, o trabalho etc. (ALMEIDA; RIOS; PARKER; 2004, p. 76).

A abordagem utilizada para tratar os conteúdos sobre sexualidade pelos autores se dá de maneira contínua, sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdade sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração, de classe, de religião, entre outros, culminando assim num projeto que leva à educação para diversidade.

Nesse sentido, os autores questionam a indiferença dos dirigentes de escola bem como das/os professoras e professores

quanto às questões pertinentes à sexualidade, homossexualidade e educação sexual. A falta de preparo para tratarem algumas situações, pontuadas como irrelevantes, e a falta de apoio ao jovem, que se sente perdido em meio a outros jovens, fazem com que o desânimo e o medo se instalem nesses indivíduos:

Ele não pode frequentar o banheiro masculino, pois corre risco de ser estuprado e violentado de todas as formas possíveis. Não pode fazer parte do time da escola, pois é tido como delicado demais, segundo a visão dos seus companheiros da mesma idade e de escola. O jovem homossexual se sente sem um ponto de apoio, sem uma referência, mesmo querendo se inserir no contexto da comunidade escolar. O resultado dessa exclusão é o abandono dos estudos e de uma estrutura que poderiam trazer benefícios futuros. Preferem não frequentá-la (ALMEIDA; PARKER; RIOS, 2004, p.22).

A proposta de disseminação de conteúdo plural nem sempre é bem vista; o preconceito, as visões sobre homofobia ainda são bastante gritantes, sobretudo quando o enfoque das discussões se refere a esses temas que, por mais que estejam presentes nos meios sociais, ainda se encontram desolados, pouco debatidos e compreendidos, nas instituições.

Ao tratarem da homofobia, os autores extrapolam o convencional e mostram, além de agressões psicológicas e preconceitos, depoimento de agressões físicas, proporciona, assim, ao leitor uma imersão nos sentimentos dos depoentes:

O tempo é algo que não volta atrás, portanto, plante o seu jardim e decore a sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe mande flores. “Essas palavras são de William Shakespeare, e as li em um livro, no mesmo dia em que meus pais disseram para eu ir embora de casa com a minha vergonha e a minha homossexualidade. Ainda vivo lá em casa, mas aliviado, pois sei o que eu sou: jovem, homossexual assumido e estou decorando a minha vida para melhor. Não é fácil, fica difícil até mandar flores para mim mesmo, mas estou resistindo, me impondo e sei que vencerei essa batalha. (Fernando, estudante, 18 anos) (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.6).

Apanhei muito, muito mesmo, do meu pai e dos meus irmãos para aprender a ser homem. Fui levado à beira da loucura para aprender a ser macho, fui castigado, fui violentado, fui massacrado, mas venci, saí de casa, esqueci os que me maltrataram, porém não esqueci os maus-tratos. Sou travesti, cabeleireira e manicure, sou gente, procuro ser feliz, tenho um parceiro da minha idade que é o meu pai, minha mãe, minha família. (Lili, travesti, 21 anos)' (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.8)

Na família não tem veado, caso tenha algum, eu mato, coloco na rua, esfolo o rabo dele até aprender a ser macho! (Pais homófobos) (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.11).

Além destes depoimentos há diversos outros que demonstram a homofobia na sua mais perversa face, a da família. Os autores Almeidas, Rios e Parker (2004) afirmam que as escolas e as igrejas acabam agravando a situação, pois tentam encaixar os jovens em um sistema patriarcal heteronormativo, que não condiz com a realidade dos jovens.

Cresci dentro de um sistema hipócrita, chamado grupo familiar. Éramos vários dentro de casa, incluindo a minha mãe. Meu pai tinha outros tantos filhos paralelos e outras mulheres, como a minha mãe dentro de casa, na rua. A família vivia sob as regras do meu pai machista, egoísta e inseguro com a sua virilidade. Um núcleo completamente falido. Pai, mãe, irmão, irmã, cachorros, gatos, galinhas e eu. Simplesmente, eu, depois de todos, incluindo os animais da casa, por ser delicado demais. A vergonha da família, a coisa estranha no ninho! (Estudante, 20 anos) (ALMEIDA, RIOS, PARKER, 2004, p.13).

Nesta perspectiva deve-se questionar qual o conceito de família presente na sociedade? Família é pai e mãe ou família é sinônimo de amor? Qual é o papel social da escola perante os pais? E perante o próprio sujeito? Qual contribuição os currículos têm dado ao autoconhecimento, à autoaceitação e à compreensão das necessidades do próximo? Algumas igrejas reproduzem o papel machista e patriarcal na sociedade? As igrejas e as escolas possuem papéis opostos na formação da sexualidade? E tantas outras perguntas que demoraríamos muito para escrever e mais ainda para alcançar algumas verdades. De certo, precisamos discutir e incentivar a educação sexual na escola a fim de cessar um ciclo

histórico de violência. Nesse aspecto, Pombo (2019, p. 5) relata que precisamos

[...] problematizar o conceito de diferença sexual na contemporaneidade, porque determinados discursos tidos como verdadeiros, ao sustentarem uma interpretação estruturalista e a histórica da diferença sexual, acabam por prescrever as boas condições de subjetivação e por estabelecer distinções entre formas normais e formas desviantes de subjetividade, sexualidade e família. Consequentemente, afetam o modo como os indivíduos são vistos e tratados na cultura (POMBO, 2019, p. 5).

No documento analisado, é abordado o modo como os indivíduos são tratados socialmente, que tais ações influenciam na própria subjetividade com que encaram o mundo, gerando, portanto, a depressão, necessidade de uso de drogas e, até o suicídio.

Outro livro que pode ser utilizado no combate à homofobia na escola é o da Fundação Roberto Marinho (2001), *Sexualidade prazer em conhecer*, onde o autor Marcos Ribeiro reflete especificamente sobre orientação sexual:

A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância, que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto familiares e entre amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa autoestima (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177).

A descoberta de pertencer a esta minoria sexual geralmente é traumática, pois nossa cultura machista e heterossexista reprime, insulta, agride e tenta destruir os praticantes do ‘amor que não ousava dizer o nome’. Quando uma criança ou adolescente sente desejos homoeróticos ou deseja viver o papel de gênero oposto ao que sua cultura prescreve para o seu sexo biológico, ou seja, quer ser travesti ou transexual, geralmente desenvolverá mecanismos de autodefesa, vivendo na clandestinidade tais desejos e emoções, muitas vezes internalizando a homofobia dominante na sociedade global, realçando esse desejo proibido (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 180).

Devemos ressaltar que a menção dos grupos de travesti ou transexuais, em que se considera ser estas duas divisões a minoria entre a própria minoria; assim, é importante dar voz aos sujeitos para que sejam lembrados nos livros didáticos e paradidáticos das escolas. Ratificamos o pensamento de Louro sobre a visibilidade dos grupos minoritários, em que:

A maior visibilidade de gays e lésbicas, bem como a expressão pública dos movimentos sexuais, coloca, hoje, essas questões em bases novas: por um lado, em determinados círculos, são abandonadas as formas de desprezo e de rejeição e incorporados alguns traços de comportamento, estilo de vida, moda, roupas ou adornos característicos dos grupos homossexuais; por outro lado, essa mesma visibilidade tem acirrado as manifestações antigays e antilésbicas, estimulado a organização de grupos hiper-masculinos (geralmente violentos) e provocado um revigoramento de campanhas conservadoras de toda ordem (LOURO, 2000, 32).

Apesar da visibilidade gerar maior aversão em grupos conservadores, acredita-se que seja necessário realizar a desconstrução de pensamentos pré-estabelecidos, realizar um movimento contra o sistema homofóbico dominante e dar voz aos sujeitos que historicamente foram colocados à margem da sociedade. E o enfrentamento, para que o pensamento homofóbico não se torne “dominante da sociedade global”.

O autor reflete, ainda, que a/o homossexual, assim com todo mundo, tem a mesma vontade de se dar bem na profissão, de encontrar um par, fazer planos, se realizar na vida, inclusive sexualmente. Elas/Eles vivem conflitos como todas/os, mas, enfrentam barreiras poderosas, como, por exemplo, não poder demonstrar em público, através de carinhos o que sentem pela pessoa amada:

Piadas, fofocas, olhares maliciosos podem ser sinais de um preconceito leve, mas ainda preconceito. É o mesmo preconceito que leva grupos radicais a praticar atos criminosos contra homossexuais, que podem levar até à morte (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177).

Ainda nesse contexto do suicídio, o livro *Ritos e ditos de jovens gays*, apresentado anteriormente, nos causa um impacto

profundo, quando traz a fala das pessoas homossexuais sobre suas vivências e experiências:

Já tentei o suicídio seis vezes, acreditando chamar a atenção para mim, pois ninguém me respeita. Olham para mim como se eu não existisse, na primeira vez, tomei um vidro de pinho sol todinho, mas não morri; na segunda, comi umas folhas de comigoinguém-pode, também não morri.... Na terceira, foi a tentativa de chumbinho para matar rato.... Em todas as vezes que me vejo completamente acuado, eu tento me matar. Nessa última vez, eu quase fui. Cortei os meus pulsos na frente de todo mundo e, mesmo assim, eu fui chamado de estranho, maluco e me deram sedativo e fizeram um curativo nos meus pulsos, desde pequeno sou excluído, todo mundo faz piadas, eu não vejo muita razão para ficar por aqui não. (Luís, camelô, 19 anos) (ALMEIDA, PARKER E RIOS, 2004, p. 44).

Os autores Almeida, Parker e Rios (2004) consideram que a vergonha faz com que a/o jovem se recolha em depressão, pois, a discriminação contra a sua pessoa é muito grande, e a falta de apoio psicológico faz com que mais uma vez se sinta fora de um contexto social coletivo. A discriminação por ser homossexual leva o/a jovem a se culpar, sua autoestima desaparece, o pavor da violência verbal e física a/o deixa completamente inoperante dentro do sistema. Sobre essa vigilância ou fobia de se falar sobre sexualidade e educação sexual:

Nessa vigilância constante, está presente um sentimento de homofobia, ou seja, de medo ou de repulsa à identidade homossexual. Vários estudiosos e estudiosas comentam que transgredir as fronteiras do gênero, comportar-se de formas diversas das socialmente esperadas e admitidas para seu gênero parece ser a mais grave das transgressões, 95 o pecado inadmissível. Sentimento que faz com que muitas pessoas (incluindo professoras e professores) prefiram não se envolver na discussão dessas questões, ou, mais especialmente, evitem demonstrar qualquer atitude simpática à homossexualidade. Mostrar-se simpático/a pode ser interpretado como se o próprio/a professor/a fosse homossexual ou como se esse adulto estivesse induzindo seus/suas estudantes a contemplar favoravelmente e a desejar uma forma de sexualidade desviante (MEYER et al, 1998, p. 93).

A sociedade capitalista ocidental apresenta rigidez nos papéis de gênero, na maneira como se é homem ou mulher, e uma fobia à homossexualidade. Isto acarreta o crescente confinamento daqueles que, de alguma forma, não fazem a passagem por determinados ritos, como o casamento, a geração de filhos, exigidos para a entrada no grupo social “normal”. Diferentes modos de entender a homossexualidade e relacionar-se com ela podem ser identificados em diferentes culturas, embora predomine alguma forma de exclusão ou discriminação.

Guacira Lopes Louro, no livro organizado por Dagmar Estermann Meyer (1998), considera que a escola (da mesma forma que outras instituições sociais) constrói seus discursos e argumentações com base em pares opostos: masculino/feminino; heterossexual/homossexual, normal/anormal, saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral.

O texto apresenta conceitos como identidade de gênero, identidade sexual, hierarquia de gênero e também contribui na construção categórica sobre educação sexista/educação homofóbica:

Trabalhar questões de sexo e sexualidade na escola ainda é alvo de discussão e polêmica, pois há os/as que afirmam que tais assuntos devam ser discutidos no âmbito privado, sendo, portanto, responsabilidade apenas das famílias. Outros/as temem que, ao se falar de sexo na escola, as crianças sejam despertadas precocemente para o assunto, pois ainda se tem a ideia de que elas devam ser preservadas em sua “ingenuidade”, mesmo que tenham acesso à informação, mesmo que sejam bombardeadas com inúmeras imagens, através do contato diário com filmes, propagandas, novelas e programas veiculados pela TV, ou que vejam e ouçam coisas à sua volta diretamente relacionadas com sexo. Muitos pais, mães ou responsáveis ainda se sentem constrangidos/as ao terem que falar destes assuntos, em função da repressão a que foram submetidos/as, o que certamente pode ter contribuído para a falta de informação sobre questões ligadas à sexualidade. No entanto, quando as famílias e as escolas procuram assumir este tema como parte integrante do seu cotidiano, geralmente o fazem por uma via marcadamente biológica, em muitos casos pautada pela disseminação do medo e da doença, principalmente (MEYER et al., 1998, p. 122).

Nesses conjuntos, a primazia é dada ao primeiro elemento do par, que constitui a referência e o padrão e do qual o outro elemento é derivado. Algumas vezes não apenas se secundariza o segundo elemento, mas, de um modo ainda mais contundente, ele é negado ou é silenciado; por esse tipo de operação lógica, a escola simplesmente não fala da homossexualidade ou da bissexualidade; a escola desconhece ou esconde meninos, meninas, jovens e adultos homossexuais:

A heterossexualidade é considerada não apenas normal, mas natural, ela é compreendida como a “verdadeira” forma de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais sadias. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a ideia de que todas as formas são socialmente produzidas. Assim procedendo, a escola empurra para o lugar do patológico, do anormal ou da perversão qualquer outra manifestação do desejo. Uma outra questão incômoda poderia ser aqui colocada: afinal, se a heterossexualidade é “natural”, por que há tanto cuidado para garanti-la? Não bastaria deixar aos cuidados da “natureza” o desenvolvimento de crianças e de jovens? Por que se vigia tanto os/as estudantes para impedi-los de atitudes, interesses ou comportamentos homossexuais?” (MEYER et al., 1998, p. 91 e 92).

Nesse sentido, ocultar ou silenciar o debate sobre homossexualidade também é uma forma de contribuir para a homofobia. O livro *Sexualidade prazer em conhecer em virtude de trazer diversos depoimentos* faz com que a leitura seja mais rica e pode gerar discussões em sala de aula, pois sua posição é muito marcante na defesa dos homossexuais, articulando as vivências com os mecanismos sociais vigentes. Este livro relata sobre homofobia de forma indireta conforme o trecho:

A chegada da adolescência traz uma nova questão para a sexualidade. Além da identificação de gênero, o adolescente tem de lidar com o desejo que começa a aparecer. Só que, em muitos casos, esse desejo contraria aquele comportamento de gênero que foi aprendido na infância, que teve como primeiro modelo a relação entre os pais. Daí podem surgir grandes conflitos, tanto familiares e entre amigos quanto conflitos internos, de medo, culpa, incerteza, baixa autoestima (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 177).

Deste modo o autor relata sobre a homossexualidade de forma direta, mas não utiliza o enfoque da homofobia de forma explícita. Porém em um segundo trecho ele se utiliza da psicologia, aliada de fatores sociais, para justificar o sentimento de não pertencimento e de aversão aos homossexuais, assim relata mais fortemente a visão sobre homofobia da sociedade

Numa sociedade repressora que não aceita a diversidade sexual, os nomes e apelidos dados aos homossexuais são vistos como ofensa e muitas vezes são usados mesmo para ofender, ferir e estigmatizar os homossexuais. Homossexuais masculinos “VIADO, BICHA, FRUTA, BOFE, MICHÊ. BAITOLA, ENTENDIDO, GAY” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 178).

Homossexuais femininas “LESBICA, FANCHONA, MACHONA, SAPATÃO, MULHER-MACHO, ENTENDIDA, GAY” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001, p. 179).

O capítulo traz como proposta o tema da sexualidade, o autor Ribeiro (2001) explora o conceito de sexualidade e, também, nos ensina como desenvolver o diálogo sobre este tema no espaço escolar, segue, porém, fazendo uma crítica de como a escola muitas vezes se silencia diante do tema.

A escola ensina que há apenas uma forma de sexualidade é normal. De acordo com Ribeiro (2001), quando se fala em vida sexual, é somente na esfera do casamento e a homens e mulheres heterossexuais. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a ideia de que todas as formas são socialmente produzidas. O autor enfatiza que a importância da homossexualidade, no ambiente escolar, não é um assunto que interesse apenas a uma minoria, mas, inclusive, à maioria tomada pela heterossexualidade.

Já, no livro *Conversando sobre sexo* de Suplicy (1994), analisamos o capítulo 16, intitulado *Homossexualidade*, cabe ressaltar que este livro possui 26 anos da data de publicação, tomamos cuidado especial para não cometer anacronismo em suas análises, ou seja, deve-se compreender a temporalidade em que este livro foi escrito, pois “não são apenas as concepções sobre sexualidade que mudam, mas também a própria sexualidade

e o comportamento sexual” (HEKMA, 1985, p. 259). Assim, já consideramos que Suplicy (1994) utiliza o termo sexualismo de maneira equivocada, pois o termo foi retirado da lista de doenças mentais pela Associação Americana de Psiquiatria, em 1973. Então, mesmo que o livro tenha sido escrito em 1994, já deveria constar no vocabulário da autora o termo homossexualidade.

O livro é composto por cartas com dúvidas sobre as quais a autora tece as respostas. Devido à própria formação da autora, o livro analisado apresenta um enfoque psicossocial e biomédico. A autora traz como um subtópico as Causas da Homossexualidade, fazendo a contextualização história e cultural da homossexualidade e relata fatores biológicos e psicossociais da homossexualidade; contudo, afirma não ter comprovação da relação hormonal/biológica com a homossexualidade, mesmo se utilizando de Freud para explicar alguns comportamentos. Durante o desenvolvimento do livro a autora tangencia a homofobia em alguns casos, até uma carta relatar abertamente sobre a homofobia.

Cara Sr^a o que tenho a lhe falar é pouco, mas gostaria que a sra. parasse e refletisse bem sobre o mal que a sra. está fazendo para todas essas cabecinhas jovens em formação e que estão assistindo a seu programa todos os dias.

Eu não assisti à peça “Bent”, mas li quase tudo em revistas, sabe Dona Martha eu sou uma jovem- bem informada de cabeça feita, educação boa e suficiente e cônica daquilo que é certo ou errado. E acredito ser a sra. uma peste perniciososa como se fosse um veneno mal no sangue.

O povo brasileiro é um povo que infelizmente tem a tendência de seguir sempre um líder, ou de concordar com as ideias de algum maluco brilhante.

Agora pelo amor que a sra. tem a Deus e à algum ente querido seu, ou pelo seu caráter mesmo, não dê mais apoio ao homossexualismo no Brasil. (...)

A sra. está colaborando para que essa aberração da Natureza se prolifere + e +, pois Deus foi soberbo e perfeito na sua criação. (...)

A.L.B. (SUPLICY, 1994, p.279-280).

A autora Suplicy (1994) conceitua homofobia e, de forma psicomédica, relata que a aversão ao homossexual pode ser uma: insegurança sexual, doutrinação religiosa ou ignorância. Em seguida,

a autora reforça a importância do convívio com o diferente e, apesar de usar o termo homossexualismo, afirma que ser homossexual não é uma doença, não é contagioso, ou seja, parece que o uso do termo sexualismo não interfere na compreensão sócio-histórica que este mesmo carrega, uma dimensão de construção de identidades.

Nesse trecho, a autora da carta demonstra uma visão conservadora religiosa, perante a homossexualidade, sendo o tema considerado impróprio para a discussão. O pensamento da autora da carta demonstra o que parte da população brasileira acredita ser, que discussões de gênero e sexualidade não devem ser realizadas socialmente. Sobre este aspecto, Silvino e Henrique (2017, p. 3) consideram que:

[...] desde cedo, a escola, juntamente com a família, igreja etc., são lugares ou espaços de convivência e interações dos indivíduos em sociedade. A educação tradicional, na qual convivemos, separa e cria distinções entre meninos/meninas, rapazes/moças, através de ações, atividades, formas de se comportar e “ditam regras” baseadas em padrões estabelecidos pela ordem dominante. Com isso produzindo diferenças entre os sujeitos no caso, eles/elas. Cabe-nos essa indagação, para quem serve essa educação escolar habitual, que separa, classifica, considera como normal e natural às relações sociais desiguais entre homens e mulheres? (SILVINO; HENRIQUE, 2017, p. 3).

Nesta desconstrução de conceitos deve-se questionar para quem o discurso conservador serve hoje? Assim, nota-se que, desde 1994, o discurso conservador é rebatido por visões mais progressistas; porém, hoje, precisa-se constantemente reforçar os conceitos de respeito à diversidade e anti-homofobia nas escolas.

Em seu outro livro *Sexo se aprende na escola*, no capítulo 8, intitulado *Homossexualidade*, Suplicy (1999) traz o tema da homossexualidade para o ambiente escolar, a fim de explicá-la, como orientação sexual e não como um determinismo biológico ou hipóteses baseadas na psicanálise. É importante conhecer o mundo homossexual para desmistificar preconceitos, evitar reforçar a ação da homofobia e facilitar a relação pais, alunos e escola.

Não há nada específico sobre homofobia, mas desperta ao longo de todo o texto para a construção categórica da educação para

diversidade, a partir de uma visão sobre homofobia que a autora também possibilita visualizarmos.

Diversas vulnerabilidades incluem-se atualmente como temas nos livros paradidáticos, utilizados nas escolas, seja da desigualdade de gênero seja em função da condição étnico-racial, econômica ou de deficiência. Em relação à abordagem da sexualidade e da educação sexual, prevalece a timidez, sobretudo por controvérsias morais sobre a pertinência de se tratar a questão com adolescentes. No entanto, os livros aqui analisados apresentam temas em sexualidade e educação sexual, no que diz respeito à saúde, tais como a promoção da saúde sexual, prevenção às DST/AIDS e à gravidez não planejada, bem como fatores históricos, sociais e políticos, como o debate sobre o posicionamento de outros povos sobre a homossexualidade.

Embora haja, nos livros analisados, afirmações sobre a necessidade da desconstrução da cultura machista e de opressão contra as mulheres na sociedade, bem como dos estereótipos de gênero, essa desconstrução requer mais do que questionar a desigualdade social entre homens e mulheres. É preciso reconhecer que as expressões do feminino têm sido historicamente inferiorizadas, alargando o campo de subordinação a vários atores sociais que se associam à marca do feminino, tais como gays, travestis e transexuais, além de lésbicas.

Por fim, a diversidade sexual tende a ser invisibilizada, escassamente tematizada como conteúdo didático pedagógico e, frequentemente, a homofobia é subestimada em seus efeitos danosos a crianças e adolescentes. Muitos adolescentes que começam a reconhecer desejo por pessoas do mesmo sexo se sentem constrangidos pela desvalorização corriqueira da homossexualidade e tendem a omitir sua condição, não encontrando na escola ou no/a docente uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade. Esse segredo em relação à própria vivência da sexualidade tem consequências para a saúde: não se pode saber ou ter informações sobre aquilo que não pode ser dito. Prevalece a exigência do silêncio sobre a diversidade, em matéria de sexualidade. Essa omissão denuncia uma tendência à censura implícita ao tema. A construção de uma sexualidade que foge aos

parâmetros heteronormativos constitui-se em um tabu.

Nesse sentido, considerando a função primordial da formação escolar para o exercício da cidadania, temas de relevância social e que desafiam a ética democrática, por meio da manutenção de prejuízos sociais injustificáveis, devem ganhar espaço formal não só nos livros paradidáticos, como nos didáticos, pois os livros didáticos são instrumentos pedagógicos fundamentais para formalizar a inserção de conteúdos específicos na formação de estudantes.

Construir as possibilidades para o reconhecimento da diversidade sexual, na educação, implica uma visão de conjunto e um quadro de referências, alimentados pelo diálogo, por princípios de justiça e equidade, por valores democráticos e pela compreensão do papel da diversidade e do pluralismo no processo educacional. Aí, é oportuno não apenas evitar, mas também desestabilizar posturas balizadas por pressupostos assimilacionistas, essencializantes ou medicalizados, bem como posicionamentos embalados por disposições diferencialistas, particularistas, regressivas ou separatistas.

Tampouco se pode esquecer que tão deletérios quanto os discursos que procuram na natureza sua base de legitimação podem ser, também, os posicionamentos caracterizados por uma miséria ética, por meio da qual o que é concebido como cultural é passível de ser recebido, aceito ou aclamado de forma linear e desatenta aos efeitos de poder, gerados pelo enfrentamento de um quadro de opressão. Trata-se de investir em um processo de reconfiguração simbólica e política que, como tudo o que concerne à democratização das relações e à institucionalização de novas práticas pedagógicas, é contínuo, inacabado, sempre suscetível de ser revisto, ampliado e aperfeiçoado. E, por também estar sujeito a ameaças e a retrocessos, esse processo requer sempre maior empenho, capacidade de articulação, criatividade, responsabilidade e ousadia, em diversos espaços, níveis, direções e sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas três escolas visitadas para a catalogação documental, os 14 livros paradidáticos recolhidos datam entre a década de 1970 do século XX à segunda década do século XXI; é interessante perceber, também, que mesmo em tempos de ditadura se falava abertamente sobre sexualidade e educação sexual e já se produziam respectivos materiais repletos de sentidos, significados e signos. Um dos livros lançado na época de ditadura militar e que foi analisado nesta pesquisa é o *Conversando sobre Sexo*, de Marta Suplicy (1994).

Entretanto, nos dias atuais, acompanha-se um retrocesso no que diz respeito ao ocultamento dessas discussões sobre sexualidade e educação sexual, quer seja nos espaços privados, como dentro de nossas casas, quer seja nos espaços públicos, como as escolas. Isto porque vivencia-se um período histórico e político onde a extrema direita ocupa o principal cargo representativo do país, que é a presidência da república.

As três escolas têm um acervo interessante a ser trabalhado e discutido entre as/os estudantes em sala de aula ou fora dela, proporcionando, potencialmente, um ambiente acolhedor, inclusivo e que respeita as diferenças existentes em seu interior, possibilitando a formação de pessoas cidadãs, comprometidas com a seguridade da/o outra/o.

De acordo com Sá-Silva (2012), o ambiente escolar, a partir de discursos que reverberam estigmas, preconceitos e agressões, por meio de funcionários, professores e professoras, pode tornar esse mesmo local como algo indesejável a quem precisa de educação e procura por ela. Portanto, a escola precisa ser de pluralidade, com ideias para o coletivo, sem o objetivo de fazer um exercício de psicologia e individual; necessita atender a todos/todas alunos/alunas, desmitificando os pensamentos preconceituosos e limitados, partindo de mecanismos que respeitem e trabalhem a realidade dos/das alunos/alunos e do entorno escolar. Para tanto, é importante que os/as professores/as deem continuidade a sua formação, para entender dos assuntos ligados à sexualidade e para fazerem um discurso de igualdade para os/as alunos/alunas,

independente da orientação sexual, bem como ter materiais que explorem as temáticas, duma maneira que sane as dúvidas tanto de alunos/as quanto professores/as e crie um ambiente de acolhimento, utilizando metodologias fáceis e inclusivas.

Constatamos que os livros analisados, em sua maioria, trazem uma perspectiva sociocultural, em relação ao tema da homossexualidade, bem como propostas pedagógicas para lidar com o tema em questão. Percebemos que, em alguns materiais, os próprios sujeitos homossexuais trazem seus relatos sobre como pensam e como vivenciaram situações de homofobia.

Nesse sentido, dois livros nos marcaram muito durante a análise documental: *Ritos e Ditos de Jovens Gays*, de Almeida, Parker e Rios (2004), e *Diferentes Desejos*, de Cláudio Picazio (1998). São escritos bem contemporâneos, com ampla discussão e problematização sobre diversidade de gêneros, temas, ambientes e personagens, que possibilitam ao interlocutor uma leitura questionadora sobre a complexa realidade de pessoas homossexuais e as homofobias pelas quais elas passam em seu cotidiano, seja na família seja na escola ou em qualquer outro lugar que frequentemente. Em vez de fazerem sínteses, os autores optaram por trazer a fala das personagens, procurando penetrar no ponto de vista destas e identificarem-se com seus conflitos.

Portanto, os livros utilizados pelas/os profissionais da educação podem expressar e reforçar práticas homofóbicas, visto que os conteúdos dos livros didáticos e paradidáticos apresentam, em maior ou em menor proporção, discursos discretos, quase imperceptíveis, nas entrelinhas, que reproduzem e incentivam práticas de discriminação e preconceitos, que podem ser refletidos na homofobia escolar. Sá-Silva (2012) diz que os livros e outros documentos educacionais podem produzir discursos preconceituosos e estigmatizantes e que isso precisa ser analisado e problematizado.

Posso caracterizar os livros, então, como reguladores da homofobia escolar, uma vez que meninas e meninos, por exemplo, são apresentados em distinções e espaços diferentes, usando cores estereotipadas para ambos os sexos; de uma/um homossexual que não se pronuncia ou nem aparece em determinados debates em sala de aula devido à heterossexualidade ser o ideal; de doenças

estigmatizadas, como a AIDS, e não terem uma discussão ampla de cunho cultural, social e político (ALMEIDA; SÁ-SILVA, 2018).

Nessa direção, Jimena Furlani (2005) apresenta o livro como constituidor do currículo, configurando-o como artefato cultural. O texto de um livro, de linguagem verbal ou ilustrativo, segundo a autora, potencializa as representações de gênero e sexuais, enfatiza a heteronormatividade, e como as pessoas devem viver suas sexualidades, produzindo a ‘verdade’ social.

E, quando se lê um livro, passa-se a tomar muito de seu conteúdo como a única verdade, principalmente livros didáticos e paradidáticos. Por isso, a importância de nossa pesquisa em possibilitar, pedagogicamente, que os/as profissionais de educação estejam vigilantes aos conteúdos dos livros de sexualidade e educação sexual, por meio da leitura crítica dessas informações contidas neles.

A leitura é um ato político e precisa ser estimulada numa perspectiva crítica ou, até mesmo, pós-crítica da realidade, desde muito cedo. Tais habilidades de leitura precisam percorrer a vida, em casa junto à família, na creche, na educação infantil, no ensino fundamental, no nível médio e na fase da universidade. É fundamental o papel da professora e do professor na mediação entre o livro e os estudantes nesse processo de formação de leitoras e leitores.

Entretanto, o apreço pelos livros não se dá de forma natural. Nesse caso, é importante que se possa mostrar, desde a infância até a fase adulta, o que livros e leitura têm a oferecer. Cada livro traz uma ideia nova, ajuda a fazer descobertas importantes e amplia os horizontes. Histórias e livros que mães, pais e suas crianças leem juntos formam a base do sentimento em aprender a ler e a gostar dos livros, prazer que se estende por toda vida.

Em contrapartida, é preciso reconhecer que grande parte das famílias não têm uma base econômica estruturada, a ponto de disponibilizar condições necessárias para esse estímulo da leitura desde a infância, pois muitas dessas crianças passam pela dor da fome. Portanto, é impossível investir o pouco dinheiro que resta na compra de livros?

Então, cabe a nós, profissionais da educação, compreender

essas situações e perceber que nem sempre esse estímulo poderá vir de casa. Ezequiel Silva (2003) considera que cabe à escola e aos professores e professoras decidirem se o/a leitor/a formado/a deverá ser produto de uma reprodução ingênua da sociedade ou alguém preparado/a para o enfrentamento de suas contradições e desafios.

Os conteúdos dos dois tipos de livros analisados (sexualidade e educação sexual) ilustram para os/as leitores/as que há uma preocupação, por parte das autoras e dos autores, em discutir sobre a homossexualidade numa linguagem histórica, cultural, política e social – entendo que esses fatores são diferentes, particulares e coletivos na vida de uma pessoa –, por meio de propostas pedagógicas.

A homossexualidade foi, ao longo da história da sociedade ocidental europeia e colonizadora, motivo de punição, vergonha, segregação e de violência contra todos/as aqueles/as que atravessassem a fronteira da heteronormatividade. Ainda hoje, encontra-se dificuldade em dialogar com o tema no campo da Educação, principalmente quando os/as profissionais dessa área se sentem desconfortáveis para falar, problematizar e questionar situações que envolvem a sexualidade e a educação sexual.

Ao problematizar o tema da homossexualidade, quando se trata da sua inserção em uma sociedade, calcada na tradição ocidental judaico-cristã, como a brasileira, lida-se com uma temática que foi, e ainda é, de certa forma, vista e tratada como um pecado abominável, um crime, um desvio, uma imoralidade.

O cristianismo, em dias passados e nos atuais, foi e é a religião que mais persegue os homossexuais, visto que o documento que guia dessa fé, a Bíblia, apresenta toda uma narrativa da criação do mundo e de como as gerações se perpetuaram, dos casamentos heterossexuais e as ações heteronormativas que são as obras de Deus, enquanto que o ser homossexual não é de sua criação, visto que ‘Deus não deixou o homem para o homem’, assim também enfatiza a sociedade. Além disso a reprodução, que é o que Deus deixou para a raça humana e animal, não acontece entre pessoas do mesmo sexo, pois durante a relação homoafetiva, os óvulos e

os espermatozoide seriam desperdiçados e assim a hereditariedade não seguia (CUNHA, 2019).

Contudo, mesmo que as religiões incentivem o respeito, a paz, o amor, isso não se torna uma prática passível de ser vista cotidianamente, porque os interesses de qualificar e distanciar os sujeitos impera socialmente. Por este motivo, as discussões que fomentam o campo das pesquisas sobre temas culturais, de gênero e sexualidade são necessárias, sobretudo no campo da educação, no campo de formação de indivíduos com pensamentos plurais e desconstruídos, são duramente rechaçadas quer seja em qualquer espaço público ou privado.

De acordo com o antropólogo Luiz Motti (2003), a importância de estudar sobre a homossexualidade na realidade brasileira é ter a possibilidade de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e a crueldade contra pessoas homossexuais e demais que configuram a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, agêneros, assexuais, pansexuais, entre outras – a conhecida comunidade LGBTQIA+.

A disseminação de informações a respeito da homossexualidade deve estar cada vez mais presente nas escolas, pois, além de nortear esta instituição, tem de desconstruir valores anteriormente estabelecidos e promover a inclusão de indivíduos; tarefa não apenas da escola, mas também de “família, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo” (LOURO, 2008, p.8).

Assim, a família, o Estado e as religiões, por exemplo, são instituições centrais para a manutenção de uma estrutura que tem em seu sistema valores sexistas, racistas e homofóbicos, especializando a feminilidade e a masculinidade em identidades mutuamente excludentes e cerceadoras das possibilidades de derivação passível de apropriação pessoal, social, cultural e histórica do feminino e do masculino, por pessoas de ambos os sexos.

Construídos sob essas óticas diversas, as práticas se fundamentam na ideia de que o tema da Sexualidade e Educação Sexual devam ser tratados exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens,

mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso, porém, não o suficiente para sanar as dúvidas. Por esse motivo, a escola deve tratar desse tema ativamente de forma a romper esses paradigmas e sofrer “transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento” (LOURO, 2013, p.70).

Nos dois tipos de livros analisados, educação sexual e sexualidade, nos parece claro que as autoras e autores consideram que a homossexualidade não é uma doença, mas uma construção, assim como a heterossexualidade. Portanto, o biológico não determina aquilo que a pessoa desenvolverá de prática durante toda a vida; a homossexualidade não pode ser vista apenas por um ponto de interpretação; nesse sentido o biológico, o cultural, o social, o econômico, as relações de gênero, de classe, a etnia, entre outros marcadores sociais, formam o que conhecemos como homossexualidade. Essa construção faz parte do desenvolvimento humano.

A homossexualidade durante muito tempo foi considerada pela Medicina e Psicologia como doença, enaltecendo os discursos da heteronormatividade. Porém, com o passar dos anos, o avanço não significou muitas vitórias, visto que as instituições, documentos e práticas ainda expressam no indivíduo homossexual que a orientação escolhida não é a ideal. Entendendo que as pessoas são dignas de respeito, liberdade e autonomia; por isso, os discursos atuais precisam de questionamentos, problematizações e reflexões para que as respostas sejam apresentadas, de forma que respeitem uma sociedade inteira e não apenas um determinado grupo.

De acordo com algumas autoras e alguns autores dos livros pesquisados, a sala de aula é um local de aprendizado, onde quem precisa ser valorizado é o aluno e a aluna; onde o protagonismo estudantil precisa ser deles e delas; em que as ideias e os argumentos sejam de democracia e respeito; que, a partir do professor e da professora, as formas de ensinar-aprender sejam facilitadoras para o entendimento, seja por meio de um debate seja por meio de jogos.

A maioria dos livros, ao falarem de homossexualidade, aponta apenas para o universo masculino. Pouco se fala nas lésbicas, e a invisibilidade fica ainda maior quando se trata do homem

trans gay ou da mulher trans lésbica. São sujeitos que ainda estão silenciados em sua identidade, em sua existência, enquanto pessoas que também produzem cultura, portanto, também, têm sua maneira de viver e construir sua sexualidade.

As categorias criadas permitiram uma reflexão maior sobre a homossexualidade num contexto escolar, através dos discursos que os materiais abordam, para que as ideias de doença, pecado, castigo, desilusão amorosa, e concepção de errado sejam rompidas e que não gerem preconceitos e ignorância, mas, pelo contrário, possam garantir a igualdade e respeito no ambiente escolar. Visões sobre homofobia foi a mais marcante, ou por que não dizer, dolorosa. Não somente por acompanhar os depoimentos e os conceitos sobre a homofobia, mas por lembrar de situações vivenciadas por mim na condição de pessoa homossexual. Nesse sentido, por várias vezes, tivemos que parar a leitura e escrita, respirar e recomeçar. A homofobia existe e deixa profundas marcas, impossíveis de esquecer e difíceis (ou demoradas) de cicatrizar.

A Educação Sexual, portanto, torna-se um mecanismo que visa combater a ignorância e o preconceito materializados na homofobia; através dessa disciplina (Educação Sexual) que programas, significados e reformulações são passadas, porém ainda há muito a ser pensado, já que, ao discutirem determinado tema, as pessoas não podem apresentar uma ideia que desrespeite o/a outro/a e que seja baseada nas convicções de vida, ensinadas pelas instituições sociais, mas que atendam às necessidades de quem escuta ou que permita atender. Os livros utilizados para esse fim também podem interpretar uma linguagem que marginaliza, exclui e ofende pessoas, porque os objetivos que os autores querem alcançar são diferentes.

Nesse sentido, os Estudos Culturais visam questionar, a partir de análise, como os livros estão tratando um assunto em particular. Em nossa pesquisa, por exemplo, compreendemos que cada autor ou autora tem uma forma de abordagem diferente; alguns discutem sobre a homossexualidade, numa linguagem histórica, cultural, política e social. Entendo, pois, que esses fatores são diferentes, particulares e coletivos na vida de um indivíduo; há outros que timidamente apenas citam o conteúdo, mas que

estimulam professores e professoras a discutirem em sala de aula.

Portanto, essa pesquisa urge, a fim de que se reflita sobre a homossexualidade, num contexto em que os sujeitos homossexuais não são respeitados em sua totalidade por aquilo que são e fazem. Isso porque, para mudar e desconstruir pensamentos acabados, é necessário iniciar uma formação cidadã ética, plural e igualitária na escola, e esta precisa entender que o seu papel é esse. Destarte, criaremos um mundo e uma sociedade brasileira em que o juízo de valor é o da felicidade e dos direitos iguais para as diversidades.

Gostaríamos, por fim, de salientar que as pessoas homossexuais vivem sua orientação de acordo com as suas vontades, sendo diferentes em seus espaços. A fala, a forma de se vestir, as gesticulações, o sorriso, o cabelo, os sapatos, as cores, as áreas profissionais, nada disso caracteriza uma pessoa homossexual. O tornar-se homem, mulher, gay, lésbica, transexual, travestir, pansexual, bissexual, entre outras orientações sexuais e identidades de gênero e sexual, são escolhas que se constrói e desconstrói socialmente a todo momento e que as pessoas não podem ser estereotipadas por isso. Se somos livres para ser, não precisamos agir de forma tão violenta e excludente, gerando dor e sofrimento, sem nenhuma necessidade.

REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, Miriam. **Juventudes e sexualidade**. Coordenadoras: Miriam Abromovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira.; NAFAGUCHI, Thiago. **Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital**. In.: Saúde & Transformação Social/Health & Social Change, ISSN 2178-7085, Florianópolis, Santa Catarina, v.7, n.3, p.22-35, 2016.

ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J.F; SÁ-SILVA, J.R.. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, ano I, n.1, jul., 2009.

ALMEIDA, Vagner de; PARKER, Richard; RIOS, Luís Felipe. **Ritos e ditos de jovens gays**. Rio de Janeiro: Editora Abia, 2004.

AQUINO, Julio Groppa. Et al. **Sexualidade na escola: alternativas e práticas**. Coordenação: Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997

BAPTISTA, M. M. **Estudos Culturais: o que e como da investigação**. Carnettes, número especial, v. 2, p. 451-461. 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola**. Organizadoras: Carmem Barroso, Cristiane Bruschini. – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. (Bibliotexa da Educação – série 1 – escola – vol 13)

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CARVALHO, Maria Eulina de.; SOUSA, Valquíria Alencar de. **Por uma educação escolar não sexista**. Organizadoras: Valquíria Alencar de Sousa, Maria Eulina de Carvalho. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. **Estudos Culturais em educação e pedagogia**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/ jul./ ago., 2003.

CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Amor e Sexo: assunto complexo?** – Editora Evoluir: São Paulo, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOSTER, D.W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana**. Editora FGV, 2004. p. 63-86. *Letras: literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade prazer em conhecer**. Fundação Roberto Marinho, 2001.

FURLANI, Jimena. **O Bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos de educação infantil**. 2005. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: PPG Edu/UFRGS.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HALL, Stuart. **Cultural studies and its theoretical legacies**. In: MORLEY, David, KUAN-HSING, C. (org.). *Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies*. Lodon; NewYork: Routledge, 1996.

JUNQUEIRA, Rogério D. **O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problematização da Homofobia no Contexto**

Escolar. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S., SOUZA, N. G. S., GOELLNER, S. V., SOUZA, J. F. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas.* Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas:** um problema de todos. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p. 13-51.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. **A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor.** Revista Acadêmica, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras no currículo:** sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luis (org.). *a escola cidadã no contexto da globalização.* Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade:** pedagogias contemporâneas. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2>.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 96p.

MCLURKIN, Denise L. **Questões sociais desafiadoras na escola:** guia prático para professores. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Celso Avelino Antunes. AMGH: Porto Alegre, 2015

MEYER, Dagmar E. Estermann. et al. **Saúde e sexualidade na escola.** Editora Mediação: Porto Alegre, 1988.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOTA, Raquel Martins Fernandes. et al. **Pesquisa qualitativa em educação**: um ensaio paradigmático. In: **Revista Investigação Qualitativa em Educação**, v. 1, n., p. 692-702. 2017.

MOTTI, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Editora Record: Rio de Janeiro. 2003.

PICAZIO, Cláudio. **Diferente desejos**: adolescentes homo, bi e heterossexuais. Editora Summus: São Paulo, 1998.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo secreto**: temas polêmicos da sexualidade. / Cláudio Picazio; com colaboração de Eduardo Bittencourt, Rogério Brugnera e Alexandre R. Araujo. – São Paulo: Summus, 1998.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola**: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Editora Gente, 1999.

SÁ-SILVA, J. R. **Homossexuais são**: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer. 2012. 400f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SÁ-SILVA, J. R. **A construção de uma pedagogia dos manuais médicos**: um olhar *queer* sobre os discursos médicos da homossexualidade no século XX. *Revista Bagoas*, n. 16, p. 111-136, 2017

SÁ-SILVA, J. R. et al. **Ensino de ciências e educação para a diversidade**. Organizador Jackson Ronie Sá-Silva – São Leopoldo: Oikos, 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SILVA, Raimundo José Pereira da. **Infância, Educação Infantil e Educação Sexual: uma abordagem**

teórica a partir dos Estudos Culturais em Educação. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). *Ensino de ciências e educação para a diversidade*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; São Luís: Editora UEMA, 2018, p. 152-171.

SILVA, Ezequiel Theodore da. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a politicado texto curricular**. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Yuri Almeida da. **Corpos que habitam os livros didáticos de ciências dos anos iniciais: reflexões a partir dos estudos culturais**. 320F. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SOUZA, Marcelo Valente. **O corpo escrito e visto: reflexões a partir de livros didáticos das séries iniciais**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Pará, Belém, 2010.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 19 ed. Edição da Autora; Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 1994.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. 2ª ed. Editora Olho D'água: São Paulo, 1999.

WORTAMANN, M.L.C. **Análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação**. In: COSTA, M.V. **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer em pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.